Foreign & International Book Company, Inc.
110 East 42nd Street

TROVAS BRASILEIRAS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

Foreign & International Book Company, Inc.
[illegible] EAST 43ND STREET

TROVAS

POPULARES BRASILEIRAS

OBRAS DO MESMO AUTOR

A Esfinge — romance, 4.ª edição.
La Esfinge — 4.ª edição. Trad. espanhola.
Maria Bonita — romance, 2.ª edição.
Poeira da Estrada — ensaios de crítica e história.
Minha Terra e Minha Gente — livro para as escolas.
Tratado de medicina pública — **Higiene** — 2.ª edição.
Medicina legal — 3.ª edição.
Psico-patologia forense — 1.ª edição.
Trovas populares brasileiras — 1.ª edição.

L Por. e
P3797t

TROVAS

POPULARES BRASILEIRAS

COLECCIONADAS E PREFACIADAS

POR

AFRÂNIO PEIXOTO

391939
29.4.41

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Rio de Janeiro
S. Paulo — Belo Horizonte
1919

Tip. das Livrarias AILLAUD E BERTRAND

A

HELOÍSA E OCTÁVIO,

meus colaboradores

PREFÁCIO

Êste livrinho pretendeu muito, quando se começou a fazer no desejo do seu editor: ser a réplica, ou, melhor, o seguimento daquele que Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira publicaram em Portugal. As «mil trovas portuguesas» seriam continuadas ou respondidas por outras «mil trovas brasileiras».

Não foi fácil reuni-las. É o Brasil um extenso país, cujos grandes segmentos não se comunicam. Os documentos regionais escasseiam e, quando pedidos, não são logrados: ainda não há aqui o hábito de responder a cartas. O que há impresso tem aspecto erudito de *folklore*, onde tudo entra, sem escolha, e com outros intuitos mais sérios, que respeitamos, mas não são os nossos.

Custou, portanto, ter à mão de onde tirar um ramalhete menos desgracioso. Custou mais separar o que era de suspeita pro-

veniência portuguesa, para evitar repetições. Nem sempre foi possível consegui-lo, por êrro ou equivocação. Não é fácil suprimir de nós o que temos de lusitanos. Quando Portugal o reclama, nós lho restituímos, e já é muito; quando não, é nosso, pois fomos dêle e ainda não somos bem nossos.

De tudo, resultou isto, cumprido o desejo, se não realizada a presunção. Estou que as diferenças de toque darão as diferenças de origem e que, sem o querer, êste milheiro de estrofes agora publicadas, algumas das nossas melhores trovas populares, dirão de certos sentimentos e ideas brasileiras, como não fariam teses e dissertações eruditas. Se elas derem a quem estas coisas aprazem algum agrado, terá o editor que resgatou a sua dívida de gratidão para com aqueles belos escritores que lhe sugeriram, pelo exemplo de um mimoso livrinho, a feitura de outro que só aspira não se lhe desmerecer muito, ao menos na intenção.

*

A poesia popular, as artes colectivas em geral, teem os seus devotos ou amantes apai-

xonados que não são fáceis de contentar, quando o mais reverente critério psicológico as pretende analisar. É do Povo, — é sagrado, inatingível, inegualável, único! Não foi só para os antigos que a voz do povo era a de Deus. O povo falou, nas decisões dos comícios, nas sentenças do júri, está tudo dito. Os modernos e os mesmos sábios alçaram-se, com o consenso universal, a essa metafísica. A obra individual, ainda a do génio, era, por fôrça, dada a origem mais ou menos singular, obra mesquinha, desigual, precária, defeituosa... O ideal, ainda em arte, só o povo o atingia...

No que importa à poesia, havia sim, poetas extraordinários, de imagem, de idea, de emoção, de sensibilidade, de rimas preciosas e de metros magníficos, mas poesia perfeita seria a popular e colectiva. A grande, ou a pequena, — hierática, heróica, demótica —, como a sciência as denomina com ênfase, seria do Povo, através do Tempo. Estas maiúsculas pretendem muito...

Os mais nobres representantes dessa poesia servirão de exemplo: — os poemas homéricos. Dêles disse Schlegel: «não é uma obra concebida e executada: nasceu e cres-

ceu naturalmente»; porque, explicou Grimm, «a verdadeira epopeia é a que se compõe a si própria; não deve ser escrita por nenhum poeta: é uma produção orgânica», e «dinâmica», concluiu Steinthal. Bréal que resume essa logomaquia literária (1) — que veio de d'Aubignac, Villoison, Vico, Zoega, Herder, Wolff... e chegou aos nossos dias, sinceramente crentes, todos nós, no génio popular, na inspiração colectiva, da multidão criadora, do povo espontâneo, que produz epopeias, mármores, lendas, catedrais, instituições... — o mesmo Michel Bréal não escapou à atracção do abismo e, se reabilita Homero como responsável pelos poemas homéricos, crê, por sua vez, que haja *vrais chants sortis du peuple.*

É a poesia popular... São essas maravilhosas obras primas, de incomparável beleza, de inatingível perfeição na simplicidade, que nenhum homem seria capaz de fazer, por profundo que seja o seu génio ou deli-

---

(1) Vide M. Bréal — *Pour mieux connaitre Homère* — Paris, 1907; A. van Gennep e A. J. Reinach — *La question d'Homère*, Paris, 1909; Victor Bérard — *Un mensonge de la science allemande* — Paris, 1917.

cada a sua habilidade, e que produz entretanto o Povo, o divino artista, ignorante e espontâneo, como a terra ou o céu, inconscientes e pródigos do milagre das inflorescências e das constelações...

*

Tenhamos tento e sobretudo não exageremos. Por mais sibilino que seja o entendimento não creio que êle se possa representar um povo, uma multidão de gente se cotizando para fazer uma quadra popular, como Rivarol troçava que fazem os alemães, para perceberem uma pilhéria. Evidentemente. Êsse esfôrço de ideação criadora é singular, de um cérebro, em certo meio e ocasião, se tem a capacidade de exprimir o sentimento por imagens e palavras medidas. Não é preciso atribuir a todo um rosal alguma rosa de peregrina perfeição. Ela será característica dessas flores tôdas, se tem de tôdas o traço comum de desenho ou o tom de côr: não perderá na excelência com a autoria individual de certa roseira.

Dir-se há que é rara, se acaso já saiu alguma, a obra humana que sai perfeita da inteligência de um autor, acabada e deslum-

brante, como Palas da cabeça de Zeus. É o mesmo autor, se tem vagar, e gôsto, e possibilidade, instinto de arte sôbre a fecundidade de artista, quem corrige, lapida e brune a sua obra; a obra do autor anónimo encontrará quem a adultere ou corrija e passará adiante modificada, nem sempre para melhor, muitas vezes mais aperfeiçoada, talvez mesmo conseguida a perfeição. Para isso, porêm, para sofrer êsse trato, de carinho e, não raro, por êle, de corrupção ou de afinamento, é necessário que os sentimentos, as ideas e as expressões e rimas em que foram vasadas estejam ao alcance do gôsto e do entendimento do povo.

A poesia «popular» sê-lo há, não porque vem do povo, mas porque é criada para o povo, e por êle, se o mereceu, foi adoptada. Há umas grandes e caras moedas e medalhas que, por muito preço, andam em poucas mãos, conservado o seu cunho sem desfiguração, desconhecidas do trôco; com elas não se fazem a esmola, o óbulo da piedade, a jóia fácil, mil encantos da caridade e do gôsto. Êsses são reservados às moedinhas, às medalhinhas, modestas e profusas, que de tanto circularem, de tanta pena consolada e tanto desejo satisfeito, perdem as linhas

de relêvo das imagens, mas valem sempre, embora o mugre do mau trato, pelo metal precioso que conteem e mais ainda, para as almas boas, pelo bem que realizaram. Entre a grande arte sumptuosa e essa miúda e simples, por ventura mais tocante, certamente mais acessível, não haverá senão diferença de destino que lhe deu a origem, presunçosa ou despresumida...

Não exageremos, porêm, tal perfeição: ela é relativa. Há quadrinhas populares maravilhosas: são raras e contadas. Há sobretudo milhares de outras, insignificantes e dessaboridas. Para escolher o seu milheiro, confessou-me Alberto d'Oliveira que êle e seu colaborador Agostinho de Campos tiveram em mãos para mais de dez mil: da escolha feita, apenas cem serão magníficas, dez valerão poemas. Tive à vista muitas colecções já depuradas, de vária procedência, cadernos manuscritos (própria recolta na Baía, Minas, Rio e S. Paulo), livros já publicados, principalmente de Silvio Romero (colheita de Carlos de Koseritz: Rio Grande), Pereira da Costa (Pernambuco), Carlos Góis (Minas)... para mais de cinco mil: com dificuldade achei estas que merecessem publicidade, para agrado de encanto. Estou que

fui às vezes indulgente: se valer a pena irei substituindo, assim haja cabedal e possibilidade. Contudo, era preciso dar amostra de todos os tons e feições de musa popular.

Portanto, o tal artista divino, milagroso, perfeito, espontâneo... que é o Povo, nem sempre é feliz, e os maus momentos, e as obras defeituosas e inferiores, sobejam às perfeições.

*

Mas, a grande vantagem da poesia popular não é ser do povo, é ter «poesia»... É o que é raro, e é por isso que ela se contrasta com a chamada «poesia artificial», isto é, a dos poetas, maiores e menores, que publicam versos.

Sobram livros à terra e os de versos são dêles os mais excessivos. Fazê-los, versos e livros de versos, é função da puberdade (1), servida pela facilidade literária de exibição. Tôda idea ou sentimento tem sua

(1) Só os verdadeiros poetas continuam, além da idade do síso. Como é próprio das regras terem excepção, há muitos, desassisados, que até à velhice continuam a versejar, sem serem poetas...

expressão imaginosa e rimada. Apenas, os simples e os anónimos, quando sentem ou pensam, se exprimem discretamente em quadrinhas; os outros em longos poemas, em sonetos trabalhados, não conseguem sempre verter sequer uma emoção ou um pensamento. A vantagem se impõe.

E essa decepção da poesia artificial, do meão poeta com que se não compadece, ao qual se referia o nosso clássico Jorge de Vasconcelos, traduzindo o conceito de Horácio, deu aprêço à musa popular. Não só a mediocridade poética dos hábeis versejadores, como a incapacidade literária de certos credos artísticos do nosso tempo. A poética passou a ser arte de joalheiro, ensartando rimas preciosas em metros trabalhados, como de si mesmo confessou um, que ao menos tinha senso crítico (1):

Je lime des sonnets ingenieux et froids.

À fôrça de facetar o cristal, incrustado de gemas, engastado em metais raros, a essência que êles deviam conter se evolava: ver-

(1) Jules Lemaitre.

sos sem poesia foi quási sempre a poética parnasiana.

Lecomte de Lisle, um dêles, e dos mais impenitentes, definiu-os a todos, *esprits tendres, cœurs durs*. Refinados, subtis às vezes, rebuscados e retorcidos quási sempre, sem emoção vívida e comunicativa... E isso é que é, essencialmente, a poesia.

Por não achá-la nos versos artificiais dos letrados, os delicados a procuraram e deram com ela nos versos simples, anónimos, do povo, ou de autoria conhecida, dignos porêm de serem adoptados por êle: são as trovas populares.

*

A quadrinha popular é a nossa mais elementar forma de arte (1): quatro versos, de sete sílabas métricas, com acento na terceira e última; duas rimas, raramente perfeitas, às vezes apenas toantes, que conteem um estado fugitivo d'alma, um demorado apêrto de coração, desejo, queixa, agrado,

(1) A crítica scientífica da trova popular já não está por fazer: contêm-se no admirável livrinho *Poesia amorosa do povo português*, Lisboa, 1890, do súbio lusitano LEITE DE VASCONCELOS.

malícia, juízo... comunicados a outrem com sinceridade e com simplicidade. Não é mais que isso, e é tudo, e pode ser maravilhoso. Não é necessário imaginar autor divino para fazê-las, o Povo, através do Tempo: todos os dias ouvimos ditos de crianças, agudos ou tocantes, que nos encantam ou pasmam, deliciados (1). As grandes crianças rústicas quando sentem íntimamente, quando pensam consigo, se exprimem às vezes em versos, alguma ocasião perfeitos (2). Perfeição não será raridade ou esfôrço, mas acaba-

(1) Adverte o nosso sábio João Ribeiro que o metro da redondilha é idiomático em português, tanto que expressões vulgares de insulto, prece, exclamação, teem quási sempre sete pés métricos, ex: «grandíssimo canalha!», «Nossa Senhora da Glória!», «tenha santa paciência!».

(2) Não me esquecem o provérbio ou sentença, simples ou rimados; embora mais reduzidos, exigem observação da vida ou experiência moral, que não são para todos. A pesar da rusticidade da aparência não é de invenção comum tal sabedoria: «um gambá cheira outro», «quando o urubú está infeliz, cai de costas e quebra o nariz»... A trova popular consta de uma queixa, impressão, comparação, raramente um conceito, acessíveis a todo o mundo. Por isso mais fácil: se poucos reflectem, todos sentem.

mento e exactidão. Não era paradoxa aquela afirmativa de Flaubert que todo sentimento sincero, todo pensamento próprio tem expressão em verso; será a trova perfeita quando se alcançar a notação exacta do que ela quer dizer: sorte de acaso... pena de artista ou intuição de génio.

Não sei porque elas serão inacessíveis a grandes engenhos. Será que a cultura desflore a ingenuidade? Há uma simplicidade, a melhor, obtida com esfôrço, dizia Renan, tal a luz branca, feita das outras indiscretas e presumidas do íris, como do estilo, na comparação de Anatole France. Pobre arte que não consegue vencer os mais invencíveis obstáculos... Estou que aqui não será muito: apenas desambição de vaidade, sinceridade de coração, exactidão de pensamento.

Os Japoneses possuem uma forma elementar de arte, mais simples ainda que a nossa trova popular: é o *haikaï*, palavra que nós ocidentais não sabemos traduzir senão com ênfase, é o *epigrama lírico*. São tercetos breves, versos de cinco, sete e cinco pés, ao todo dezassete sílabas. Nesses moldes vasam entretanto emoções, imagens, comparações, sugestões, suspiros, desejos, sonhos...

de encanto intraduzível (1). E não são alguns japões que as fazem, senão todos, com mais ou menos felicidade. O haikaï é uma sensação lírica que todos sentem e podem exprimir. Por isso do homem do povo mais

---

(1) Exemplos para compreensão:

Uma pétala caida
Que torna a seu ramo:
Ah! é uma borboleta!

Há impressão mais deliciosa?

Esta corola de lirio
Quer continuamente
Me voltar as costas...

É flor ou mulher?

Só dêste lado
É que o pulso bate:
O ramo floresceu!

As árvores vivem, e teem coração, fica-se a pensar...

A árvore despojada
Sofre o suplicio
Para dar a essência...

humilde ao letrado mais culto, todos teem as suas trovas, ingénuas, subtis, simples ou profundas, mas todos os que são poetas, — o poeta é apenas, e é tudo, sentir íntimamente e exprimir sinceramente — todo o mundo, em suma, será capaz de epigramas líricos.

Creio também que a nossa trova popular é, e pode ainda ser melhor, um delicioso «género literário». Agora o povo a cultiva e adopta; porque não poderá ter confessada

---

Não é só a planta resinosa da laca que acode ao nosso pensamento...

E êsses versos que vão do povo, são também de grandes poetas, Montake, Shiko, Buson... que não desdenharam ser *haijins* ou troveiros populares. A arte de fazer essas canções, que parecem tão espontâneas, porque simples e perfeitas, doutrinou um dêles, talvez o maior, Bashô, aos seus discípulos: «Na composição, não se vá compor de mais... Perder-se-ia o natural. Que vossos haikaïs venham do coração...» (Vid. P. L. Couchoud — *Sages et poètes d'Asie*, Paris, 1918).

A razão de tudo deu com ela o nosso Catulo Cearense: é que «a poesia vem do amor» e quem quer que ame a natureza, a vida, seus encantos e suas mágoas, o sonho, seu delírio ou sua decepção... e o diga, será poeta; se o disser bem, com sinceridade ou exactidão, grande poeta.

origem aristocrática? Será heroísmo, convenho, de uma imagem ou uma idea, que dariam soneto ou poema, fazer trova ingénua: destilar todo um rosal numa gota de essência, quando a vaidade diluiria a gota de essência num oceano de palavras enfáticas e de rimas difíceis... Género literário que não chamará ou reterá os versejadores. Theophile Gautier ou Sully Prudhomme, em França, estavam indicados para exercê-lo. Em Portugal, João de Deus faria ontem, e agora Corrêa d'Oliveira faz nêle maravilhas. Aqui há deliciosos poetas que serão autores de autênticas e perfeitas quadras populares: Catulo Cearense, Belmiro Braga, Heitor Beltrão... me acodem, no momento. Nas que vão reùnidas neste volume tenho que muitas serão de nobre origem, de grandes artistas: estão contudo enaltecidas com a adopção popular.

Quanto ao género literário, cujo preconício ora faço, confesso que a monotonia pode a muitos afugentar... seria entretanto escola que os prepararia para a grande arte, que não se contenta com metros e rimas tão simples: uma trova popular perfeita é modêlo de sensibilidade na emoção e de sinceridade na expressão... Repito-o, para

preguntar: existe arte imortal, sem estas condições?

*

A trova popular brasileira tem algum carácter que a distinga das outras? Sim, necessáriamente, como o Brasil é diferente de outras regiões, está entendido, mas trazido à semelhança com outros, pois que somos filhos de estrangeiros e temos ainda alma e educação dêles. Não creio que o coração de portugueses e a alma de latinos nos abandonem nunca. Nêles apenas os mais argutos, ou talvez presumidos, descubram os reflexos e matizes da terra diversa. Será tudo, por agora.

Poetas e músicos não nos faltam, mas será interessante lembrar que, antes de sermos nós, já eramos assim. Leia-se esta confissão colonial:

«Os Tupinambás se prezam de grandes músicos e, ao seu modo, cantam com sofrível tom... Os músicos fazem *motes de improviso, e suas voltas que acabam na consoante do fim do mote*... Entre êste gentio são os músicos muito estimados, e por onde quer que vão, são bem agasalhados, e muitos atravessaram já o sertão por entre contrários,

sem lhe fazerem mal». Gabriel Soares — *Trat. descript. do Brasil,* p. II, tit. 17, cap. CLXII.

Se de antes já éramos assim, não estranha que, depois dos Portugueses, gente namorada e saudosa, poética portanto, sempre fôssem tão profusos e admirados os nossos trovadores e poetas.

Um reparo cabe particularmente como diferença entre a trova portuguesa e a brasileira — uma é mais sentimental, a primeira, a outra mais sensual. Efeito de clima, pois que a raça é a mesma? Poder-se ia lembrar a intrusão das raças colaboradoras, das sub-raças derivadas, para o efeito: nenhuma das que contribuíram para a nossa formação étnica foi mais sensual que a lusitana. Se tôdas amaram muito, nenhuma soube mais, ou melhor, amar. A prova é que poucos, diluídos em africanos e aborígenes, predominaram.

A razão me parece da origem mesma dessas trovas populares, explicada por uma condição demográfica. Em Portugal, pequeno país, cujos homens erravam pelo mundo nas aventuras da guerra ou das emprêsas, sempre sobraram mulheres, desejosas e saudosas, e delas principalmente derivou a poesia

popular, que o pudor do sexo resguardou na delicadeza do sentimento. A saudade do que não se gozou ainda, dolorida aspiração dos sentidos, vago anseio do coração, — do que se deixou de gozar, desejo amargurado de todo o corpo e tôda a alma, são o mais pertinaz e contínuo sentimento lusitano. Corrêa d'Oliveira definiu-o, numa quadrinha que merecia ser popular:

Ó ondas do mar salgadas
De onde vos vem tanto sal?
Vem das lágrimas choradas
Nas praias de Portugal...

Eram mulheres que as choravam. Outras, se não choravam, sentiam, sofriam ou cantavam. As trovas de amor teem então o terno encanto dos corações meigos que as inventaram, dos lábios enamorados que as proferiram.

No Brasil, não: aqui sobraram sempre homens. As mulheres são menos que senhoras, porque são prêsas cobiçadas e disputadas. A carência delas era tal, que Pero Lopes de Sousa, um capitão-mor do século XVI, escrevia das tupinambás que «eram alvas e muito formosas e não haviam ne-

nhuma inveja às de Lisboa». Evidentemente a raridade dava tal aprêço. Até hoje, não mudou muito: por onde há conta, sabe-se que são, em números, 57 homens para 43 mulheres. Só no nordeste, no Ceará e adjacências, o êxodo para o trabalho assassino da Amazónia faz mudança na proporção. Portanto, homens de mais, que requestam nas declarações, que aludem indiscretamente na sensualidade do desejo ou da posse, o que dá à poesia popular, como à poesia artificial dos poetas, um erotismo quási vergonhoso, se não fôra sincero...

No mais não vejo diferença muito acentuada entre a musa popular brasileira e portuguesa: tons e meios tons, como já disse, relativos à terra e à gente, a cuja análise teríamos de descer, se houvesse lazer. Por modéstia, e justiça talvez, devêssemos confessar nesta um cabedal maior que naquela, de verdadeira poesia. Em tantos séculos de existência nacional consciente, Portugal deu mais de onde se tirar um ramalhete perfeito de trovas; a condição é inversa para o Brasil. Sirva isto de desculpa, passageira, ao despolimento ou dissabor das que coligimos.

*

O tema da poesia popular, aqui e alhures, é o único de-veras interessante da vida — é o amor. Pelo menos é o dominante. O que sobra é caso fortuito — ironia de acaso, troca de chistes, lástima de infelizes, avisos de experiência... que servem apenas de entremeio. O amor dá para tudo, sem monotonia e enfado, porque as cambiantes de alma ou de coração são infinitas da mesma paixão, que nunca foi ou será igual a si mesma, desde que há viventes que a sofrem e por ela conhecem o inferno, e por ela atingem também o único céu que nos é dado conhecer neste mundo. Poder-se-ia compor uma enciclopédia amorosa apenas com as trovas populares, antologia de divina inspiração, pela franqueza do sentimento, pela simplicidade de expressão, a deixar longe e descoloridos os nossos poemas mais celebrados. Se é verdadeiro o prolóquio que todo o mundo tem mais espírito que Voltaire, deve ser também exacto que êsse autor tem mais estro que os poetas. Estes são alguns, nem sempre felizes; os outros são todos e sempre sinceros, numa quadra anónima, inspirada pela ocasião, à que corresponde exactamente. Não

convêm repisar o assunto, já vencido, se não persuadido. Quem escreve estas linhas não tem versos no seu passivo e teme, por isso, ser acusado de pouco amável com os poetas profissionais. Quis apenas imitar o povo na sinceridade, que lhe parece a condição suprema de tôda arte.

À maneira de outros, poderia citar exemplos... Para quê, se o livro vai adiante e quer ser lido? Não engastarei, pois, algumas dessas gemas na prosa mesquinha de alguns comentários. Desejo mesmo que o maior número de leitores dêste livrinho lhe abra mão do prefácio e procure, nas trovas que lhe fazem seguimento, encanto, que aí há sobejo. Para alguns, raros, aos quais sentir não basta e desejam a pena do pensamento sôbre o prazer da sensação, ficam aqui estes reparos, que talvez sugiram outros, ou produzam contradições, com o que estarei contente. Gôsto e prazer de desafio não há só entre cantigas e cantadores.

AFRÂNIO PEIXOTO
da Academia Brasileira

Petrópolis, Abril, 1918.

TROVAS

POPULARES BRASILEIRAS

I

CANTOS E DESCANTES

1

Quando pisei neste mundo
Foi de viola na mão,
Tocando o meu choradinho
Dançando numa função.

2

Você me mandou cantar,
Pensando que eu não sabia,
Pois eu sou como cigarra,
Quando canta, leva o dia.

3

Sou cantador afamado:
Se toco a prima e o bordão,
Atrás de mim vou levando
A gente dêste sertão.

4

No lugar aonde eu canto
Todos tiram-me o chapéu;
Cada repente que eu tiro
Corre uma estrêla no céu.

5

Quando eu pego por aqui,
E pego por acolá,
Sou mesmo que dor de dente,
Quando pega a *pinicá*.

6

Quem quiser cantar comigo
Sente na ponta do banco,
Que eu conheço gado bravo
De noite só pelo arranco.

7

Fui andando pela rua
Fui cantando o meu dandão;
As meninas 'tão dizendo
Êle é feio, mas é *bão.*

8

A viola sem a prima
A prima sem o bordão
Parece mãe sem a filha,
A irmã sem seu irmão.

9

Cantemos, meu bem, cantemos
Cantemos, e bem juntinhos;
Os anjos cantam nos céus
Nós tambêm somos anjinhos.

10

Eu tenho um saco de versos
Dependurado no oitão;
Se duvidares de mim
Eu dou co'o saco no chão.

11

Vou começar os meus versos
Com voz alegre cantando
Pr'amor de que os circunstantes
Não passem a noite chorando.

12

O errar numa cantiga
Não se deve admirar,
Que o melhor atirador
Erra um pássaro no ar.

13

A cantiga que se canta
Não se torna a recantar;
O amor que se despreza
Não se torna a procurar.

14

Eu não canto por cantar,
Nem por ser bom cantador,
Canto por matar saudades
Que tenho do meu amor.

15

As cantigas que eu sabia
Tôdas me hão esquecido.
A que meu bem me ensinou
Nunca me sai do sentido.

16

Minha viola de pinho
P'ra tudo tu tens de dar:
Uns cantam p'ra divertir
Os outros p'ra não chorar.

17

Minha viola mais canta
Quanto mais sofro na vida:
Sou como cana no engenho:
Mais doce, mais espremida.

18

Viola tu também amas
Também tu sentes paixão,
O teu corpo de madeira
Tem forma de coração.

19

Não sei se ria ou se chore
Não sei que faça de mim:
Eu cantando dobro penas
Chorando penas sem fim.

20

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal aumenta,
Eu canto p'ra disfarçar
Êste mal que me atormenta.

21

Quem me vê andar cantando
Pensará que estou contente,
Eu canto p'ra disfarçar,
Não dar gôsto a muita gente.

22

Dizei-me o que significa,
O que vem significar,
Caminhar para tão longe,
Cantando p'ra não chorar.

23

Quem me vê andar cantando,
Pensará com bem razão
Qu'eu ando alegre da vida...
Sabe Deus, meu coração!

24

Eu hei de morrer cantando,
Pois que chorando nasci,
Para ver se recupero
O que chorando perdi.

25

— Eu não canto desafio,
Nem que me paguem a vintêm,
Que não quero andar pegado
Na abertura de ninguêm.

26

— Pois eu canto desafio
Sem ganhar mesmo um tostão
Por causa do desafio
Botei dois «cabras» no chão.

27

— Você diz que sabe muito,
Pois me *destrinche* esta conta;
Vinte cinco guardanapos,
Dois vintens em cada ponta.

28

— Sim senhor, *destrincharei*,
Conforme me parecer:
Doze patacas e meia
Quatro mil réis vem a ser.

29

— Ó seu moço inteligente,
Faça favor de dizer:
Vinte e cinco *par* de gatos
Quantas unhas podem ter?

30

— Entrei num raio do sol,
Saí num raio da lua:
Vinte e cinco *par* de gatos
Certamente teem mil unhas.

31

— Ó seu moço inteligente,
Faça favor de dizer:
Em cima daquele morro
Quanto capim pode ter?

32

— Se o raio não queimou,
Se o gado não comeu,
Em cima daquele morro
Tem o capim que nasceu.

33

— Passei o Paranaíba
Navegando numa balsa.
Os pecados vêm da saia,
Pois não podem vir da calça.

34

— Dizem que mulher é falsa,
É falsa que nem papel,
Mas quem vendeu Jesus Cristo
Foi homem, não foi mulher...

35

— Não há papel nesta vila
Nem tinta neste convento,
Não há pássaro de pena,
Que escreva tal sentimento.

36

— Sentimento tenho tido
De um amor que anda tão longe.
Por não dar ouvido ao mundo
Meu coração fiz de bronze.

37

— Quem se foi para tão longe,
E deixou seu passarinho,
Quando vier não se anoje
De encontrar outro no ninho.

38

— Se encontrar outro no ninho,
Hei de fazê-lo *avoar*
Que eu não fui fazer meu ninho
P'r'outro nêle se deitar.

39

— Compadre, você me diga
Mas me diga num arranco,
Porque é que galinha preta
Por fôrça põe ôvo branco.

40

— Branco e prêto, prêto e branco
Isto de côr não procede...
Do escuro é que vem a luz
O dia à noite *asucede.*

41

— Fabião nós somos velhos
E velhos não valem nada,
Porque só vale quem ama
Quem traz a alma enganada.

42

— A minha alma de velho
Anda agora renovada;
A paixão é que nem sono
Chega sem ser esperada.

43

— Eu sou maior do que a terra,
Maior do que o mar profundo.
Eu sou maior do que o céu
Maior do que todo o mundo.

44

— Eu sou maior do que Deus,
Maior do que Deus eu sou,
Eu sou maior no pecado
Porque Deus nunca pecou.

II

CHISTE E GRAÇA

45

Ora, louvado seja Deus!
Ora, Deus seja louvado!
De cabeça para baixo
Êste mundo anda virado!

46

Quem quiser brincar comigo
Venha p'ra o meio da areia:
Se fôr homem leva bala,
Se fôr mulher leva peia.

47

Se tu bulires comigo
Buliste co' uma piranha
Fecho o dente no cangote
Abro *fistra* nas entranhas.

48

Ave Maria! Meu Deus!
Quando eu me arreliar
Faço aleijado correr,
Quem não tem ôlho enxergar.

49

Quando estou no meu destino,
Sou cabra de génio cru:
Engulo brasa de fogo,
Faço a vez de cururú.

50

Eu entrei no mar a dentro
Fui brigar com os *inglês*,
Bebi chumbo derretido,
Lancei bala sete *mês*...

51

Não tenho mêdo das almas,
Da cobra, faca e trovão,
Arrenego mulher velha
Que vive a botar paixão.

52

Papagaio, penas verdes.
Altos mistérios de Deus!
Casa velha tudo é rato...
Morre quem Deus é servido.

53

Não tenho mêdo de homem
Nem do ronco que êle tem:
O besouro tambêm ronca,
Vai-se ver, não é ninguêm.

54

Uma coisa me admira
E me produz confusão:
E' ver o vapor correr
Sem unha, sem pé, nem mão.

55

Você diz que sabe muito
Borboleta sabe mais:
Anda de pernas p'ra riba,
Coisa que você não faz.

56

Não é por andar com livros
Que a gente fica doutor;
As traças vivem com êles
Devem sabê-los de-cor.

57

Todo o mundo se admira
De macaco andar em pé,
O macaco já foi homem
Pode andar como quiser.

58

Ninguêm viu o que hoje vi:
Um macaco fazer renda!
Também vi uma perua
De caixeira numa venda.

59

Minha mãe chama-se caca,
Minha avó caca Maria.
Em casa tudo era caco,
Sou filho da Cacaria.

60

O tatu é homem pobre
Que não tem nada de seu,
Tem uma casaca velha
Que o defunto pai lhe deu.

61

— Eu não vou na tua casa,
P'ra tu não vires na minha:
Tens a bôca muito grande
Acabas minha farinha.

62

— Eu já fui na sua casa
E já sei o que ela é.
A fartura que eu vi nela
Foi pulga e bicho de pé.

63

Eu não quero tomar mate
Quando os ricos 'stão tomando:
Quando chega para os pobres
Os pausinhos 'stão nadando...

64

A cachaça é meu parente
O vinho meu primo irmão;
Não há nenhuma função
Que meus parentes não vão.

65

Eu vou dar a despedida
Como deu o quero-quero:
Depois da festa acabada
Pernas para que te quero?

66

Você quando tem presunto
Não convida p'ra jantar,
Mas quando tem seu defunto
Me chama p'ra carregar.

67

Eu vi a morte pescando
De caniço e samburá.
Quando a morte pesca peixe
Que fome não há por lá!

68

Quem vier a Pernambuco
Traga contas p'ra rezar.
Pernambuco é purgatório
Onde as almas vem penar.

69

A Baía é terra boa
Como outra mais não há.
Eu gosto dela de longe,
Eu aqui e ela lá...

70

Adeus, Coritiba triste,
Alegre Campos Gerais...
Eu sou aquele que disse
Que a S. Paulo não vou mais.

71

Ceará é terra boa,
Mas não é terra p'ra mim.
E' que a terra só é boa,
Mas é p'ra gente ruim.

72

Em tudo há bom e mau
Coisa, bicho, tempo e ano.
Mas do povo da Baía
Salva-se um, por engano.

73

Vou-me embora desta terra,
Mineiro está-me chamando.
Mineiro tem um costume,
Chama a gente, vai andando...

74

De Minas-Gerais — o ouro,
De Montevidéu — a prata,
De Portugal — a rainha,
Do Rio Grande — a mulata.

75

Foi coisa que eu nunca vi
Negro de chapéu-de-sol,
P'ra que anda êsse tição
Se resguardando do sol?

76

Tenho visto muito negro
No altar dizendo missa,
E o caboclo o mais que chega
E' a oficial de justiça.

77

Negro prêto, chapéu branco,
Coisa que me dói de ver:
Parece uma tempestade
Quando está para chover.

78

Caboclo não vai p'ra o céu
Nem que seja rezador.
Quem tem o cabelo duro
Espeta o Nosso Senhor...

79

Dizem, quando o branco morre
Que Jesus Cristo o levou,
Mas quando o prêto é que morre
Foi cachaça que o matou...

80

Quando um branco está comendo
Com um negro, em companhia,
E' que o branco é devedor
Ou do prêto é a comida.

81

Cabelo prêto e anelado
Faz um lindo parecer.
Todos querem ter cachinhos,
Mulato ninguêm quer ser.

82

Pintor que pintou a Ana,
Tambêm pintou Leonor:
Se Ana saíu formosa,
Que culpa tem o pintor?

83

Dois noivos e dois casados
Lado a lado passeavam...
Parecia que os dois pares
Um ao outro se invejavam.

84

Meu amor, canastra velha
Samburá, cêsto sem fundo.
Eu bem quero, mas não posso
Tapar a bôca do mundo.

85

Para que portas trancadas
Desfeita, zanga e rigor?
Não vê que têm mais poder
A mocidade e o amor?

86

Eu de cima, ela de baixo
Que namôro mal logrado!
Ela com dor na garganta,
Eu de pescoço espichado.

87

Quer o rico, quer o pobre
Todos têm seu amorzinho;
O rico com seu dinheiro
O pobre com seu carinho.

88

O amor tem vista curta
E vê tudo de feição:
Diz que é pálido o mulato,
Diz que é moreno o carvão.

89

Você me chamou de feio
Sou feio, mas sou dengoso,
Também o tempêro é feio
Mas faz o prato gostoso.

90

Dormindo estava sonhando
Uns agradinhos de louco,
Abraçado com uma pedra
E às boquinhas com um touco.

91

Fui soldado, sentei praça
Sentei-me numa guarita;
Sou chefe, sou comandante
De tôda «china» [1] bonita,

92

Seja menos confiado
Sua cara de pamonha!
Bem que diz lá o ditado,
Quem ama não tem vergonha.

93

Quem quiser tomar amores
Há de ser co'a cozinheira,
Que ela tem os beiços grossos
De lamber a frigideira.

94

Principiei a amar de pé
Ao depois fui agachado,
Fui mais tarde de gatinhas,
Afinal, fui apanhado.

---

[1] Rapariga, no Rio Grande do Sul.

95

Senhora dona da casa
Quando me vê, p'ra que corre?
Se é bonita, me apareça,
Se é feia, porque não morre?

96

Quando eu vim de minha terra
Muita menina chorou,
Só a ladra, de uma velha,
Muita praga me rogou.

97

Há três coisas neste mundo
Que me *faz* arrenegar
Noite escura, mulher velha,
Cachorrada no quintal.

98

As línguas sôltas do mundo
Não as deixa descansadas:
Atrás das viúvas correm
Mesmo as pedras das calçadas.

99

Quem quiser ter vida longa
Fuja sempre que puder
De médico, boticário
Melão, pepino e mulher!

100

«Doutor» quando vê dinheiro
Se mete em qualquer questão:
O filho que mate o pai
Êle diz que tem razão...

101

Quando eu saí lá de casa
Minha mãe me encomendou:
Meu filho, tu nunca apanhes
Que teu pai nunca apanhou.

102

Esta vai por despedida
Por despedida esta vai:
Minha mãe ficou sem dentes
De tanto morder meu pai!

III

ESPERTEZA E BOM SENSO

103

As idades neste mundo
Têm os quinhões desiguais:
O moço pode, não sabe,
Velho quer, não pode mais.

104

Quem não teve nascimento
Nem sangue, nem criação
Inda que queira, não pode
Fazer uma boa acção.

105

A lua nasce vermelha
E vai depois aclarando;
Os cabelos nascem pretos
Com poucas vão alvejando.

106

Ninguêm se julgue feliz
Inda tendo bom estado,
Às vezes tirana sorte
Faz dum feliz, desgraçado.

107

O mal dos outros faz pena,
Só o nosso faz cuidado.
Não se aprende com os outros
A ser menos desgraçado.

108

Ainda eu não tinha seio
E já tinha preferência;
Hoje em dia, nem no colo
Se acha mais inocência.

109

Não dès a ponta do dedo,
Que êles desejam a mão;
Se vai a mão, vai-se o braço,
Vai-se o peito e o coração.

110

Alguêm te chamou de feia
E te puseste a chorar...
O agrado supre tudo
Bela — é quem sabe agradar...

111

Menina bonita ou feia
Tudo tem sua procura:
Amor não enjeita nada,
Porque tudo é criatura.

112

Quem dá o seu coração
Àquele que não conhece,
Por muitas penas que passe
Dobradas penas merece.

113

O amor é uma cangalha
Que se bota em quem quer bem:
Se não quer levar rabicho
Não tenha amor a ninguêm.

114

Quem quiser ser bem querido
Não se mostre afeiçoado,
Que um afecto conhecido
E' certo ser desprezado.

115

Quem tiver o seu segrêdo
Não conte a mulher casada,
Que a mulher conta ao marido,
E o marido ao camarada.

116

Não se mostra o possuído
Para não ser cobiçado;
Dinheiro ou mulher à vista
Falta poúco p'ra roubado.

117

Não há vantagem no mundo
Que não tenha o seu senão;
Nunca vi rapaz bonito
Que não fôsse paspalhão.

118

Meu amor está mal comigo
Eu não sei por que motivo;
Que me importa, lá se avenha,
Não é de amores que eu vivo.

119

A desgraça do pau verde
E' ter o pau sêco ao lado:
Vem o fogo, queima o sêco
Fica o verde sapecado...

120

Quem corre nem sempre alcança
Nem vence por madrugar,
Quem quiser chegar a tempo
Ande firme e devagar.

121

De muita gente que existe
E que julgamos ditosa,
Tôda a ventura consiste
Em parecer venturosa.

122

Vê o que dizes: tu passas
De livre a prêso, num'hora:
Palavra guardada é escrava
Palavra sôlta é senhora.

123

Hoje, Sancho é muito bom,
Amanhã, Sancho é ruim...
Já fica sendo um demónio,
Quem ontem foi serafim.

124

Dizem que a fortuna é cega,
É mentira, ela vê bem...
Dá milhões a quem tem muito,
A quem não tem nem vintêm.

125

Os tolos pensam què regras
Ao mundo vieram dar;
Vão ver que p'ra ter juízo
Na cabeça hão de apanhar.

126

Eu quero dar um conselho
A quem o quiser tomar,
Quem quiser viver no mundo
Há de ouvir, ver e calar.

127

Nem tudo que ronca é porco,
Nem tudo que berra é bode,
Nem tudo que luz é ouro,
Nem tudo falar se pode.

128

Nem tudo quanto se vê,
Nem tudo quanto se sente,
Nem tudo quanto se quer,
Se deve fazer patente.

129

Quem muito alto quer subir
Sem ter àsas para voar,
As nuvens já estão se rindo
Da queda que êle há de dar.

130

O ôvo tem duas gemas
Uma branca, outra amarela:
A pinta que o galo tem
O pinto nasce com ela.

131

Minha gente, venham ver
Coisa que nunca se viu:
O tição brigou com a brasa
E a panelinha caíu!

132

Eu quero a minha malícia
Tal e qual se eu mesmo visse;
Eu nunca maliciei
Que certo não me saísse,

IV

ESPERANÇAS E DESEJOS

133

Como o sereno da noite
Procura o seio da flor,
Assim minh'alma amorosa
Suspira por teu amor.

134

Menina da saia verde,
De verde côr de esperança,
Teus desdêns não me amofinam,
Quem espera sempre alcança.

135

Dos teus braços para dentro
Não admito ninguêm;
Espera, tem paciência,
Que eu mesmo serei teu bem.

136

As nuvens pretas são chuva,
As brancas são ventania,
Não se me acaba a esperança
De te lograr algum dia.

137

O verde diz esperança,
Esperança tenho em Deus,
Inda pretendo passar
Meus braços por entre os teus.

138

Botei o prêto por gala,
O branco por bizarria,
O verde por esperança
De ainda gozar-te um dia.

139

Quem espera, desespera,
Quem espera, sempre alcança,
Não há maior alívio
Do que viver de esperança.

140

Coração que bate, bate,
Quando não puder, descansa;
O alívio de quem ama
E' viver só de esperança.

141

Você diz que hei de ser sua,
Pois tem querer e poder...
Isto não basta, bemzinho,
Faça antes por merecer!

142

Garça branca, côr da neve
Plumosa bem como arminho,
Vôa, vôa, vem de-pressa
Pousar aqui no meu ninho.

143

Quem me dera ter agora
Um cavalinho de vento,
Para dar um galopinho
Onde está meu pensamento.

144

Quem me dera estar agora
Onde está meu pensamento!
De Pôrto Alegre para fora,
De Cacheira para dentro.

145

Dia e noite, céus e terra,
Pela sorte a gente chama...
Eu não, só tenho um desejo:
E' dormir na tua cama.

146

Se eu fôsse podre de rico
Não morava lá no mato
Morava mais a «Lorinda»
Dentro da rua do Crato.

147

Meu amor caíu doente
Eu também adoeci
Eu queria tratar dêle,
Para êle tratar de mim.

148

O mar se embalança e cai
Nos alvos seios da praia:
Deus queira, de um tombo assim
Que nos teus braços eu caia.

149

Correu no céu uma estrêla:
Deus te salve zelação!
Corresse eu para os teus braços,
Junto do teu coração.

150

Se eu soubesse com certeza
Que tu me tinhas amor
Caía nesses teus braços
Como o sereno na flor.

151

Depois de um dia vem outro,
Depois de outro, outro vem...
Não te entregues ao primeiro,
Espera o que te convêm.

152

Plantei um pé de pimenta
P'ra comer, quando fôr dando.
Tenho uma menina em casa,
Que p'ra mim estou criando.

153

O verde é côr de esperança,
Prometida a quem quer bem.
Nosso dia não é chegado,
Não desespere meu bem!

154

Vai-se um ano e vem o outro
Pensas tu que desespero?
Ama a quem fôr de teu gôsto
Que amor de dois eu não quero.

155

A flor da quaresma abre
Logo depois cai no chão...
São assim os meus desejos,
Vem chegando, lá se vão.

156

Um desencontro no mundo
Me desanima a esperança:
Ver cobiçar quanto foge,
Desprezar quanto se alcança.

157

Lá em cima daquele morro
Corre água de beber.
Ou mais cedo ou mais tarde
Hei de em teus braços morrer.

158

Tudo o que é verde no mundo
Eu hei de mandar queimar:
Verde é a côr da esperança,
Não posso mais esperar.

159

Quem não bota água no cravo
Como quer que o cravo pegue?
Não me dando as esperanças,
Como quer que eu viva alegre?

160

Tudo muda neste mundo
Só meu mal não tem mudança:
O bem de ontem é saudade
O bem de hoje é esperança.

161

A flor de minha esperança
Expandiu perfume santo,
Hoje triste se retrata
Na lagoa de meu pranto.

162

Mangericão quer dizer
Uma esperança perdida,
Quem não goza o que deseja
Melhor é perder a vida.

163

Uma esperança, algum dia,
Consoladora, nos diz
Qu'entre os dias desgraçados
Lá vem um dia feliz.

164

O desejo em peito triste
E' flor no sertão nascida
Que vinga, floresce e morre
Sem se tornar conhecida.

V

MAL DE AMOR

165

Eu fui lá não sei aonde,
Visitar não sei a quem,
Saí assim não sei como,
Morrendo não sei por quem...

166

Um suspiro de repente,
Um certo mudar de côr,
São infalíveis sinais
De quem sofre o mal de amor.

167

O amor, quando se encontra,
Mete susto, mas dá gôsto,
Sobressalta o coração,
Faz fugir a côr do rosto.

168

Quem quiser amar direito
Para não se desconfiar,
Quando olhar, não deve rir,
Quando rir, não deve olhar.

169

Amor é como pigarro,
Não se pode disfarçar:
Se a cócega dá direito,
Tem de tossir ou de olhar.

170

Feliz quem ama na terra
Inda que seja uma flor,
P'ra que existir neste mundo
Quem é incapaz de amor?

171

Ainda eu não tinha dentes,
Começava a engatinhar,
Com a filha da vizinha
Já me punha a namorar...

172

Tenho um lindo papagaio
A quem ensinei a falar;
Fala tudo, diz que sabe
Bem querer e namorar.

173

Os pais não podem privar
Os filhos de querer bem;
Se as leis dos pais são sagradas,
As do amor mais fôrça têm.

174

Querer bem não é pecado,
Querer bem é devoção.
Santo não há só no céu,
Há também no coração.

175

Fui no mato buscar lenha,
Santo António me chamou,
Quando santo chama a gente
Que fará quem é pecador...

176

O amor de dois solteiros
É como a flor do feijão:
Quando olham um para o outro
Logo mudam de feição.

177

Amei a fama, a peleja,
Amei a terra, as estrêlas,
Acabei pelas mulheres...
Bastava ficar com elas!

178

Até menino pequeno
Se consegue desmamar:
Coração acostumado
Não pode deixar de amar.

179

O segrèdo desta vida
É amar pouco e devagar:
Amor forte e avexado
Está na vésp'ra de acabar.

180

Amor não gosta de acaso,
Amor gosta de esperar:
Comida sem apetite
Farta ou faz enjoar.

181

Plantei o amor no meu peito
Pensando que não pegasse,
Tanto pegou, que nasceu,
Tanto nasceu, que inda nasce.

182

Abri-me a porta, menina,
P'ra que eu entre devagar
Que amor que entra com fúria
Bem cedo se há de acabar.

183

Contra faca, bala e cobra
Eu tenho o corpo fechado,
Mas contra o amor me esqueci:
Aproveitou-se o malvado!

184

Se o amor não fôsse cego
Eu seria bem feliz,
Porque tu, lendo em meu peito
Verias o que êle diz.

185

Quem fôr ferido de amor
A mim se venha queixar;
Qu'eu também, como ferido,
Algum remédio hei de dar.

186

O amor e a clara de ôvo
Um com outro se parece,
Bem tratado, está quietinho,
Quando batido é que cresce.

187

O primeiro amor da gente
Deve ter gôsto dobrado
Chegam uns e vão-se outros
Aquele é sempre lembrado.

188

Ai daqueles que perderam
Seu primeiro e santo amor:
Pois nas próprias distracções
Agravarão sua dor.

189

O amor que eu te queria
De subir se derramou,
Botaste água na fervura
Encolheu-se e resfriou.

190

Quem amou, quem não amou
Conheço só pelo olhado:
Querer bem deixa um'a mossa
Que a gente fica chumbado.

191

Quem me dera livre ser
Como os peixinhos do mar,
Que descuidados de amores
Correm, brincam, sem cessar...

192

Os duros grilhões do amor
Por pesados não me assustam:
Temo dêles, porque sei,
Prisão de amor quanto custa.

193

Uma ausência me retira,
Uma saudade maltrata,
Uma pena me atormenta,
Uma dor é que me mata...

194

Eu tomei amor ao longe
Por ser a linha mais forte,
Rebentou-se a linha ao meio
Triste de quem não tem sorte!

195

Não tenho onde me esconder
Do meu amor inimigo:
Perto, estou fora de mim,
Longe, está dentro comigo!

196

Fui fraca, facilitei,
Cuidei que amor n'era nada,
Amor é mal sem remédio,
Hoje estou desenganada!

197

Eu sofri e fiz sofrer
Amei e me fiz amar,
Se a partida fôsse errada,
Que gôsto principiar!

198

Eu sofri por ter de amar
E sofri por ser amado,
Mas tudo quanto sofri
Eu dou por bem empregado.

199

Na galera dos amores,
Todos se embarcam cantando,
Porêm no fim da viagem
Todos se apartam chorando.

VI

DÚVIDAS DE AMOR

200

Duvidar de quem se adora
Não é de-certo viver,
Vida assim tão desgraçada
É pior do que morrer.

201

Se eu soubesse com certeza
Que tu me querias bem,
Eu te faria um carinho
Que nunca te fêz ninguêm.

202

As ondas brincam de amores,
Correm à terra beijar...
Sê tu a terra, querida,
E deixa qu'eu seja o mar.

203

Lá dentro dêsse teu peito
Eu desejava morar,
Não estorvando a quem mora,
Dizei-me se tem lugar.

204

Chuva que tem de chover,
Porque é que está peneirando?
Amor que tem de ser meu,
Porque está negaciando?

205

Oh bela, porque me matas
Mas a vida me estás dando?
Se tens de ser meu amor,
Não andes vira-virando.

206

Eu desejava saber
Qual é a tua tenção,
Com que fim, com que sentido,
Pediste meu coração...

207

Manjericão rajadinho,
Rajadinho pelo pé,
O meu coração é teu,
O teu não sei de quem é.

208

Você diz que me quer bem,
Eu também quero a você,
Onde há fogo há fumaça,
Quem quer bem logo se vê.

209

Dizes que bem me queres,
Que meu é teu coração;
Malmequeres que desfolho
Dizem-me todos que não...

210

Você diz que me quer bem
Que me traz dentro do peito
Isso não, não acredito,
Quem quer bem tem outro jeito.

211

Estrêla do céu brilhante,
Raio de sol encarnado,
Se tens amores com outro,
Não me tragas enganado.

212

Marília, se não me amas,
Não me digas a verdade,
Finge amor, tem compaixão,
Mente, ingrata, por piedade.

213

Se queres de mim que te ame,
Como sempre já te amei,
Bota fora do sentido
Certa gentinha que eu sei...

214

Papagaio come milho,
Periquito leva a fama...
Vai fazer teu fingimento
Com aquele que te ama.

215

O meu amor mais o teu
Pesei na mesma balança,
O meu pesou direitinho,
Só no teu achei mudança.

216

A pitanga é fruta doce,
Mais doce é jaboticaba;
Quem toma amores contigo,
Começa, mas não acaba.

217

Coração vai visitar
O mimo da formosura,
Pergunta, quero saber,
Se nosso amor ainda dura.

218

O marmelo é boa fruta,
Emquanto não apodrece;
Assim são amores novos
Emquanto não se aborrece.

219

Fui à fonte ver Maria,
Encontrei com Isabel.
Isto mesmo é qu'eu queria,
Caíu-me a sopa no mel.

220

O vento que veio hoje
Levou palha e deixou trigo,
Eu quero-te perguntar
Se essa carranca é comigo.

221

Menina, você que tem
Que comigo se enfadou,
Será porque seu escravo
A seus pés não se curvou?

222

Abram-se as portas do céu,
Quero ir ver meu bemzinho
Qu'èle fugiu-me dos braços,
Foi-se valer dos anjinhos.

223

Quem tem àsa não avôa,
Quem não tem quer avoar...
Quem tem razão não se queixa,
Quem não tem quer se queixar...

224

Não sei se vá ou se fique,
Não sei se fique ou se vá,
Quem ama não se decide
Nem por aqui nem por lá.

225

Eu era o que te dizia,
Tu eras que duvidavas,
Que no fim do nosso amor
Tu eras que me deixavas.

226

Maria, não me desprezes
Por eu ser pobre e não ter;
Pode o rico desprezar-te,
E o pobre te bem querer.

227

Se eu soubesse, com certeza,
Que tu me querias bem,
Eu iria te tirar
Do poder de quem te tem.

228

Esta noite tive um sonho,
Um sonho muito atrevido.
Sonhei que tinha em meus braços
A forma do teu vestido.

229

Chego a perder o juízo
De tanto plano que faço:
Do que te hei de fazer,
Se eu cair no teu regaço...

230

Se correndo não te apanho,
De vagar te apanharei;
Se te apanho nos meus braços
Em que estado te porei!...

231

Ai menina, pede a Deus,
Que eu pedi a São Vicente,
Que nos juntem a nós dois
Numa casinha sem gente.

232

A côr encarnada é guerra
Eu não venho guerrear,
Venho fazer paz contigo
Se me queres aceitar.

233

As estrêlas no céu correm,
Eu também quero correr.
Por causa dos dois amantes
Acabou-se o bem querer.

234

Para amar e possuir
É preciso não ter mêdo:
Custei a me resolver
Fiquei chuchando no dedo...

235

Alecrim, verde cheiroso,
Dá-me novas de meu bem,
Se êle é morto, se êle é vivo,
Se está nos braços d'alguêm.

VII

DECLARAÇÕES

236

Tudo que nasce no mundo
Tem seu fim particular;
Tudo tem o seu destino,
Eu nasci para te amar.

237

Meu amor é pequenino
Do tamanho de um botão,
De dia trago-o no seio,
De noite no coração.

238

Tu és como a lua cheia,
És como a casa caiada,
És como a tôrre da igreja,
De tôda a parte avistada.

239

Meus olhos quando te viram,
Meu coração te adorou,
Nas correntes dos teus braços
Minh'alma prêsa ficou.

240

Bemzinho te vou contar:
No domingo em que te vi
Fiquei todo embelezado
Das prendas que vi em ti...

241

Rei nasce para o seu trono,
Os peixinhos para o mar,
Eu também nasci no mundo
Sómente p'ra te adorar.

242

Por te querer tanto bem
Deus me há de castigar,
Por te trazer no meu peito
No mais mimoso lugar.

243

A fôlha da malva cheira
Cheira mais do que girame;
Meu coração só me pede,
Só me pede que te ame.

244

Menina, tome êste lenço
E não conte quem lho deu;
Adiante vai o lenço,
Atrás do lenço vou eu.

245

Pancada dada de jeito
Mata sim, sem discussão.
Que farás tu, meu bemzinho,
Tu que és um pancadão?

246

Coração entristecido
Chega ao pé daquela flor,
Perguntai-lhe assim brincando
Se ela quer ser meu amor.

247

Carta, vai onde te mando
Carta, não erres a porta;
Carta, põe-te de joelhos
E espera pela resposta.

248

Ter amores neste mundo
Só quero, meu bem, contigo:
Quero saber a resposta
Se também queres comigo.

249

Moreninha, se eu pudera
Formar do mundo um altar,
Nêle te colocaria
Para o povo te adorar.

250

Cravo branco, quando se abre
Parece a c'roa de um rei:
Eu comparo cravo branco
Co'uma pessoa que eu sei!

251

Adeus, querida das flores,
Das flores tôdas querida,
Não quero dizer teu nome
P'ra não seres conhecida.

252

Maria me deu um cravo,
Sexta-feira da paixão:
Botei o cravo no peito,
Maria no coração.

253

O marmelo é fruta boa
Se está no seu galho pôsto.
Ninguêm me pode privar
De amor que fôr do meu gôsto.

254

Menina, quando eu te vejo
Fico tolo e fico mudo,
Tenho febre e tremores
Tenho sezões, tenho tudo.

255

Quero dizer-te o que sinto
Que és minha vida, meu tudo:
Quando chego ao pé de ti
Perco a língua, fico mudo...

256

Quando existe sentimento
Logo à vista se revela:
Tua alma está nos teus olhos,
Debruçada na janela.

257

Quando te encontro na igreja
Me ponho logo a pecar...
Tenho o sentido em teu rosto,
Viro as costas p'ra o altar.

258

O gôsto não tem princípio
Às vezes, não tem de quê;
Gosto de ti, porque gosto,
Sem mesmo saber porquê.

259

Na estrada em que tu moras
Todo o dia passo nela,
Sómente para te ver
Sentadinha na janela.

260

O limão tira o fastio,
Mas eu de ver não o tenho,
Se tu por mim fazes gôsto,
Eu por ti maior empenho.

261

Tua presença embebeda
Muito mais que parati,
Com êle inda me governo,
Desgoverno junto a ti.

262

No dia em que não te vejo
Não como, não faço nada;
Vivo tão fora de mim,
Que tenho a alma roubada.

263

Pus-me a escrever na areia
Com peninhas de pavão,
P'ra dar a saber ao mundo
Que por ti tenho paixão.

264

Eu tenho por nome amar-te,
Por sôbre-nome querer-te,
Por apelido adorar-te,
Por alcunha merecer-te.

265

Cazuzinha, Cazuzinha,
Fita verde no chapéu,
As meninas estão dizendo:
Cazuzinha vem do céu.

266

Cazuzinha, estais de luto
Dizei-me quem vos morreu,
Se foi por causa de amores
Cazuzinha, aqui estou eu.

267

Quando me ponho a querer
Não faço conta em ninguêm,
Venha do céu o remédio,
Tu mesma hás de ser meu bem.

268

Menina, minha menina
Hei de te matar a tiro,
Com a garrucha da saudade,
Com a bala do suspiro.

269

Minha prima Mariquinha,
Meu amor, minha paixão,
Serei teu p'ra tôda a vida
Quer teu pai queira, quer não.

270

Menina diga a seu pai,
E èle diga a quem quiser,
Que èle há de ser meu sogro
E você minha mulher.

271

Inda que teu pai não queira,
Tua mãe diga que não,
Tu querendo, e eu querendo,
Tudo está na nossa mão.

272

Mangericão miudinho
Na beira d'água se torce,
Como tu tens de ser minha
Vou logo tomando posse.

273

Ah, meu bem se eu não te amo
Deus do céu que não me escute,
O sol que não me alumie
Nem a terra me sepulte.

274

Ah, meu bem se eu não te amo,
Seja um pobre sem ventura,
As ondas bravas do mar
Sejam minha sepultura.

275

Meu juízo, noite e dia,
Com você, está briquitando
Tem de tomar um partido:
Deixar-se amar, ou ir amando.

276

Tenho inveja de tua cama
E inveja de tua roupa,
Êles se gozam de ti
E eu faço cruzes na bôca.

277

Menina dos olhos grandes
Não olhes p'ra mim chorando,
Tu pensas que eu não te quero,
E eu estou-te namorando.

278

Meu balaio de costura
Tem um segrêdo no fundo
Queira-me bem que desprezo
Querer-me mal todo o mundo.

279

Parece que tu tens isca
Amor, neste teu agrado,
Quando eu penso que estou livre
É ahi que estou fisgado.

280

Amor, se fordes, levai-me,
Se ficardes, ficarei,
Se não, meu amor matai-me,
Que viver sem vós não sei.

VIII

CÉUS E TERRA

281

Pode o céu produzir flores
A terra estrêlas criar?
Como pode um coração
Viver sem te adorar?

282

Quando olho para a noite
Cuido ver tua almofada:
Vejo alfinetes e bilros
E o céu é a renda lavrada...

283

Quando eu vim para esta terra
Trouxe uma estrêla por guia,
Porque soube que aqui estava
A prenda que eu mais queria.

284

As estrelinhas são pontos
E a lua cheia novelo,
Para bordar o teu nome
Nas letras do sete-estrêlo...

285

As estrêlas do céu fogem,
Se a luz do sol aparece.
Menina, junto de ti,
O proprio sol desmerece.

286

Os sinais dêsse teu rosto
São como um céu estrelado,
Por êles passeio a vista,
Nunca me dou por cansado.

287

Menina, minha menina,
Põe a mão nas sobrancelhas,
Que do céu te estão caindo
Rosas brancas e vermelhas.

288

Tu és clara que nem leite,
Corada que nem romã,
Pareces a estrêla d'alva
Quando sai pela manhã.

289

Jura o sol e jura a lua,
Juram as estrêlas também,
Juramos de te adorar
A ti só, e a mais ninguêm.

290

Amarrei o sol com a lua,
Com a fita da verdade,
Para arriscar minha vida,
P ra te fazer a vontade.

291

As estrêlas no céu correm
Eu também quero correr;
Elas correm atrás da lua,
Eu atrás do bem querer.

292

O sol prometeu à lua
Uma fita de mil côres;
Quando o sol promete prenda,
Quanto mais quem tem amores.

293

Até onde as nuvens giram
Vão meus suspiros parar.
Só tu, pertinho de mim,
Não me ouves suspirar.

294

Cresce a lua, cresce o mar,
Cresce a planta, cresce a flor,
Só não cresce na tu'alma
A raiz do meu amor.

295

Meu bemzinho, se eu pudesse,
Fazia a noite maior...
Dava um nó na lua cheia,
Outro nos raios do sol.

296

Sereno da madrugada
Caíu no talo da couve.
Quem me dera que eu caísse
Nos braços de quem me ouve!

297

Lá d'outra banda do rio
Está uma rosa por se abrir.
Quem me dera ser sereno
Para nessa rosa cair!

298

Ó lua, dá-me teu brilho,
Bela rosa, as tuas côres.
Primavera, as tuas galas,
Para enfeitar meus amores.

299

Tive um canteiro de estrêlas,
De nuvens tive um quintal,
Para dar ao meu amor
Se não me quisesse mal.

300

Subi às portas das nuvens,
Cavalgando num trovão,
Desci nas cordas das chuvas,
Com dez coriscos na mão.

301

Muito lindo é o céu
P'ra onde Deus nos criou:
Sem primeiro padecer
Nunca ninguêm o gozou.

302

Rebenta o raio feroz,
Derriba sem compaixão,
Castiga o orgulho da terra
Que se levantou do chão...

303

Chovam raios e coriscos,
Parta-se o mar em pedaços,
Hei de amar o meu bemzinho
Com todos seus embaraços.

304

Fui no mar, andei à roda
Todo o mar arrodiei,
Mas os trabalhos da vida
Só conheci quando amei.

305

O mar se desmancha todo,
Em rendas junto da praia.
Também andam meus amores
Na renda da tua saia.

306

Lá detrás daquele cêrro,
É o sertão do Seridó.
Faço carinhos a todos
Mas quero bem a ti só.

307

Passeia, meu bem, passeia,
Por paragens que eu te veja.
Inda que a bôca não fale,
Meu coração te festeja.

308

Água clara correntia
Ao pé da serra é que nasce.
Eu seria criminoso
Se te visse e não te amasse.

IX

FLORES E FRUTOS

309

Vamos viver na campina,
Como vive a planta e a flor,
Gozando em suave paz
A suave lei do amor.

310

Do jardim dêste teu peito
Quero dois botões de rosa,
E quero teu coração,
Das flores a mais mimosa.

311

Meu botão de rosa branca,
Teu aroma me entristece,
Hoje em dia, minha rosa,
Quem mais faz menos merece.

312

E's uma roseira fina,
Bem enflorada a meu gôsto,
Os botões estão no seio,
A rosa aberta é teu rosto.

313

Plantei um pé de roseira,
Nasceu um de maravilha,
Estou falando com a mãe
Mas com sentido na filha.

314

As rosas é que são belas,
São os espinhos que picam.
Mas são as rosas que caem...
São os espinhos que ficam...

315

Abalo o pé da roseira
Mas não o posso arrancar.
Quem não tem bens de raiz
Glórias não pode alcançar.

316

Roseira, dá-me uma rosa,
Craveiro, dá-me um botão,
Que em troca do teu afecto,
Dar-te hei meu coração.

317

Cravo, não bulas com a rosa,
Deixa a rosa na roseira...
Tu bem sabes que é pecado
Bulir com moça solteira.

318

Quem não bota água no cravo
Como quer que o cravo pegue?
Se esperanças não me dá
Como quer que eu viva alegre?

319

Cravo goivo, amor perfeito,
Metido em tua almofada...
No dia em que não te vejo,
Não como, não faço nada.

320

Logo mando quatro cravos
Todos quatro por abrir...
Meus braços estão abertos,
Sempre que tu queiras vir.

321

Eu passei por um craveiro
Tirei um cravo com a unha.
Quem toma o amor dos outros
Não tem vergonha nenhuma.

322

Vinde cá, meu cravo d'ouro,
Minha semente de prata,
A tua vista me alegra
O teu retiro me mata.

323

O cravo tambêm se muda
Do jardim para o deserto.
De longe tambêm se ama,
Quem não pode amar de perto.

324

Cravo roxo no meu peito
Logo me cai a semente.
E' melhor morrer de um tiro
Que de ti viver ausente.

325

Alecrim verde cheiroso,
Tem o cheiro diferente.
Êste nosso doido amor
Dá combate a muita gente.

326

Alecrim da beira d'água
Dá o vento está pendendo,
Amigas e camaradas
Por detrás me estão vendendo.

327

A folhinha do alecrim
Cheira mais, quando pisada:
Há muita gente que é assim,
Mais ama se desprezada.

328

O amor que vai ser meu
Anda na flor do poejo,
Pulando de galho em galho,
Eu fazendo que não vejo.

329

A bonina é disfarçada,
Quem me dera ser assim!
E' bem asneira morrer
Por quem não morre por mim.

330

A bonina é flor da noite,
Não abre senão de tarde:
Não há mal que sempre dure,
Nem há bem que não se acabe.

331

Se a perpétua cheirasse
Era a rainha das flores,
Como a perpétua não cheira,
Perpétua não tem amores.

332

Eu sou como a flor da murta
Daquela que cai no chão,
Quanto mais carinhos faço
Mais desenganos me dão...

333

Quatro flores no meu peito
Fizeram sociedade:
Sempre-viva, amor perfeito,
Martírio roxo e saudade.

334

No jardim da formosura
Eu fui colhêr um jasmim,
Mas a morte traiçoeira
Colheu-o antes de mim.

335

Meu coração é um jardim,
Todo enfeitado de grades,
Com suspiros, não-me-deixes,
Mal-me-queres e saudades.

336

Sou como a hera que sobe,
Se acha muro de feição,
Mas quando o muro se acaba,
Pendem os ramos p'r'o chão.

337

As florinhas do coqueiro,
Vem o vento vão ao chão:
Fazem assim os meus olhos
Se passa o meu coração.

338

O coqueiro de sabido
Foi-se pôr naquela altura,
Pensando que eu não sabia
Quando tem fruta madura.

339

Plantei o milho num mês
E no outro embonecou:
Mandei-te um beijo outro dia
Lá se foi e não voltou.

340

A fôlha da bananeira
De comprida amarelou;
A bôca de meu bemzinho
De tão doce açucarou.

341

Lá detrás daquela serra
Tem um pé de pimenteira
Para se botar na bôca
De quem fôr mexeriqueira.

342

Cajueiro, cajueiro,
Quem te botará no chão?...
Debaixo das tuas ramas
Foi a minha perdição...

343

Do pinheiro nasce a pinha,
Da pinha nasce o pinhão,
Da mulher nasce a firmeza,
Do homem a ingratidão.

344

A parreira tem mil galhos,
No meio forma um enleio,
Cuida de mim que sou teu,
Deixa lá o amor alheio.

345

Não há quem tire do pasto
Tiririca e carrapicho.
Minha cegueira por ti
E' mais que amor, é rabicho.

346

Guardado no teu corpinho
Tens duas limas de umbigo,
Deixa beijá-las, bemzinho,
Reparte os frutos comigo.

347

Nasce a lima da limeira
De uma semente que tem.
Não pode haver desavença
De dois que se querem bem.

348

A lima da Pérsia amarga,
Quando a trazem machucada:
Como posso ser alegre
Se vivo tão desprezada?

349

Limoeiro é pau de espinho
Donde nasce a penitência.
Acharás neste meu peito
Dobrada condescendência.

350

Vinde cá, meu limão doce,
Saboroso de comer.
Não descubras meu segrêdo
Que a ti só dei a saber.

351

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanto sangue derramado,
Dentro do meu coração!

352

Laranjeira ao pé da serra
Bota raízes de prata,
Querer-te bem não me custa,
Mas deixar-te é que me mata.

353

Eu subi na laranjeira,
Para ver se te enxergava,
Cada fôlha que caía
Era um suspiro qu'eu dava...

354

Minha laranjeira verde,
De que está tão desfolhada?
Foi do vento desta noite,
Sereno da madrugada.

355

As fôlhas da laranjeira,
De noite parecem prata.
Tomar amores não custa,
Separação é que mata.

X

AVES E BICHOS

356

Os passarinhos que cantam
De madrugada com frio,
Uns cantam de papo cheio,
Outros de papo vazio...

357

Beija-flor subiu à serra
Para fazer seu testamento.
Não largue os amores velhos
Sem saber do fundamento.

358

Sabiá canta na mata,
Descansa no pau agreste.
Um amor longe do outro
Não dorme sono que preste.

359

Patativa alegre canta
Na palminha do coqueiro,
Eu não canto porque choro
O meu bem-querer primeiro.

360

A rolinha canta alegre
Os seus felizes amores,
Só eu vivo triste, errante,
Curtindo pungentes dores.

361

Eu ouvi gemer o pombo,
E puz-me logo a chorar,
Vendo um bicho sem juízo
Querer bem, saber amar...

362

Se matar o meu pombinho
Mate a pombinha também,
Que a pombinha sem o pombo
Nunca pode passar bem.

363

— Ó minha pombinha branca
Gavião quer te comer!
— A poder de pólvora e chumbo
Gavião há de morrer...

364

Tôda a tarde que Deus dá
Pia a triste juriti...
Também não tenho descanso,
Me canso pensando em ti.

365

Anum, se saber pudesses
Quanto custa um bem querer,
Oh! pássaro, não cantarias,
Às horas de amanhecer.

366

O anum é pássaro prêto,
Passarinho de verão,
Quando canta à meia-noite,
Oh que dor de coração!

367

Meu passarinho tão manso
Das minhas mãos se escapou,
Para mais penas me dar
Penas nas mãos me deixou.

368

Se vires a garça branca
Pelos ares ir voando,
Dirás que são os meus olhos
Que te vão acompanhando.

369

A perdiz pia no campo
A pomba no mato grosso.
Quem tem seu amor bonito
Dependura-o no pescoço.

370

Eu vi um pinto pelado
Que de frio andava aos ais...
Tive inveja, pois meu bem
A mim dá penas de mais...

371

Os galos já estão cantando,
E os passarinhos também,
Quebram as barras do dia
E aquele ingrato não vem...

372

Quando eu era galo novo
Comia milho na mão...
Hoje que sou galo velho
Bato com o bico no chão.

373

Já fui galo, já cantei
Já fui senhor do poleiro;
Mas hoje sou desprezado
Que nem cisco no terreiro.

374

Senhor Padre, me confesse,
Que eu sou filho do pecado.
Eu sou como a sangue-suga
Quando pego, estou pegado!

375

A minhoca é bicho feio,
É bicho que entrou no chão.
Tu também és muito feio
E entraste em meu coração.

376

E' bicho nojento o sapo
Ou de noite, ou de manhã,
Mas eu queria ser sapo
Se você fôsse uma rã...

377

Os peixes nadam no rio
As aves voam no ar;
Meu coração está prêso
Nos laços do teu olhar.

378

Meu amor é como um rato,
Duas vezes um ratinho,
Fura aqui, fura acolá,
Vai andando o seu caminho...

379

Esta noite andei de ronda
Como rato de parede.
Procurei, mas não achei,
O punho da tua rêde.

380

O tatú me foi à roça,
Tôda a roça me comeu;
Plante roça quem quiser,
Que tatú quero ser eu.

381

Entre tua casa e a minha
A estrada não é a mesma:
Vou daqui como cabrito,
Volto de lá como lesma.

382

Quem raiva de mim tiver,
Grande paixão há de ter,
Há de ladrar como cão,
Mas sem lograr me morder.

383

O cachorro está latindo
Lá p'ra banda do chiqueiro;
— Cala a bôca, cachorrinho,
Não sejas mexeriqueiro.

384

Cachorro que late grosso
É bonito, quando acoa.
Um amor, quando é de gôsto,
Ai, meu Deus, que coisa boa!

385

Todo animal raçoeiro
Onde pastou, quer pastar:
Quando eu saio dos teus braços
É já pensando em voltar.

XI

MENINAS E MOÇAS

386

Menina, minha menina,
Como estás tão bonitinha...
No reino do céu se vejam
Tua mãe, tua madrinha.

387

A batata, quando nasce,
Deita a raiz pelo chão.
Menina quando se deita
Bota a mão no coração.

388

Não têm confiança em si
Estas meninas d'agora...
Entregam-se, corpo e alma,
Ao primeiro que as namora.

389

Menina, aproveita o tempo,
Quem espera, desespera...
Olha que o tempo perdido
Nunca mais se recupera...

390

Menina não tenhas pressa
Tua hora há de chegar,
Tu tens tempo de escolher,
Vai com tento e de vagar...

391

Estas meninas d'agora
Só querem é namorar,
Botam panelas no fogo
E não sabem temperar.

392

Menina da saia branca,
Sapateia no tijolo,
A barra do teu vestido,
É prata, parece d'ouro.

393

Menina, minha menina,
Minha flor de cananeia,
Tu nasceste neste mundo
P'ra seres minha teteia.

394

Menina, diz'-me o teu nome
E também tua morada,
Eu tenho um cavalo gordo
E um galope não é nada...

395

Menina da saia branca
Já não falas com ninguêm;
Quando a saia se romper,
Fala comigo, meu bem.

396

Não chores, minha menina,
Não chores, ó meu amor,
Pois a faca que mais corta
Dá o talho mais sem dor.

397

Esta menina faceira
Com todos dizem que manga,
Comigo é perder seu tempo
Inda que chore pitanga!

398

A pimentinha mordida
Rabeia, desesperada,
É assim certa menina
Quando fica despeitada.

399

Lá se vai o sol entrando
Deixando raios atrás.
Tanta morena bonita
Que pena eu não ser rapaz!

400

Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanta menina bonita,
Tanto rapaz bestalhão!

401

Laranjeira ao pé da porta,
Na cama me vai o cheiro.
Tanta mocinha bonita
Para mim que sou solteiro!

402

No alto daquele morro
Passa boi, passa boiada,
Também passa moreninha
Da trancinha cacheada.

403

Morena, minha morena,
Não tenhas pena do chão...
Tomara achar quem me diga
Onde viu mais perfeição.

404

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenina
Carregadinha de amor...

405

Moreninha, doce d'ovos
Não se come sem canela...
Quem é gente de bom gôsto
Não pode passar sem ela...

406

O teu rosto de morena
Levemente tem a côr,
Para o poder comparar
Não encontro uma só flor.

407

As morenas da Baía
Tôdas têm um certo quê,
Temperam a vida da gente
Como à muqueca o dendê.

408

Morena, você me mata
Com essa graça que tem;
Você fica criminosa
E eu sem você, meu bem!

409

Uma morena bonita
Não precisa mais rezar:
Basta o encanto que tem
P'ra sua alma se salvar.

410

Menina quando eu te vi
Despedir, sem me falar,
Me fugiu a côr do rosto
E o coração do lugar.

411

Em mortalha de papel
Fumo verde não fumega,
Onde há moça bonita
Meu coração não sossega.

412

Quem me dera ser a sêda,
Depois da sêda o setim,
Para andar de mão em mão,
As moças pegando em mim.

413

O cravo para ser cravo
Deve ser cravo rajado,
A moça para ser moça
Deve ter seu namorado.

414

Lá detrás daquele cêrro
Tem um bandinho de moças.
Com licença da mais velha
Quero falar à mais moça.

415

Na minha espada encostado
Eu não ofendo a ninguêm,
Como casou a mais velha
Case a mais moça tambêm.

416

Mancebo que estás fazendo
Em tua espada assentado?
Namora-te da mais moça
Que a mais velha já é casada.

417

Tico-tico no terreiro
Quando chove não se molha.
Onde há moça solteira
P'r'as casadas não se olha.

418

Moça bonita é veneno
Mata tudo que é vivente,
Embebeda as criaturas,
Tira a vergonha da gente.

419

A laranja de madura
Caíu n'água foi ao fundo.
Triste da moça solteira
Que cai na bôca do mundo.

420

Meu tatú de rabo mole,
Meu guisado sem gordura,
Eu não gasto o meu dinheiro
Com moça sem formosura.

421

Meu conselho quero dar
Aos rapazes conviventes,
Que não amem moça feia,
Que o feio pega na gente!

422

Moça que dorme na rua,
Moça que dorme trancada,
Não tem vergonha nenhuma
Não tem vergonha de nada.

423

Eu plantei um pé de couve,
E nasceu um de quiabo;
As moças são para os moços,
As velhas para o diabo.

424

Quem quiser escolher moça
Deve escolher pelo andar.
Tôda a moça que é faceira
Pisa no chão devagar.

425

Quem quiser ter seu sossêgo
Case com moça faceira,
Já namorou muitos homens
Não cai mais na brincadeira.

426

A pedra que muito rola
Limo não chega a criar:
A moça que ri p'ra todos
A nenhum consegue amar.

427

Alecrim da beira d'água
De viçoso está pendendo,
Estas mocinhas de hoje
De faceiras 'stão morrendo.

428

Se vejo moça corada
Fico de amor abrasado;
Moça pálida e franzina
Põe-me todo derrotado...

429

A moça que não tiver
Seu nenêm para brincar
Pode ficar na certeza
Que no céu não há de achar.

430

Pescador que andas pescando
Lá para as bandas do sul,
Pescador, vê se me pescas
A moça do lenço azul.

431

Fui menina, já não sou,
Achei consôlo p'ra mágoa:
Moços não sabem amar,
Pote velho dá boa água,

432

Carinhos que desprezei,
Hoje procuro, não acho,
Já sou quem dantes não era,
Bananeira que deu cacho.

433

Quanto não era melhor
Ficar a rosa em botão,
Do que tão pronto se ver
Desfolhada pelo chão?...

XII

OLHOS E OLHARES

434

Morena, quando me vires,
Passa com olhos no chão.
Inda que me queiras bem,
O povo dirá que não.

435

Bem-te-vi está cantando,
'Stá contando patacoada...
Eu te vejo, eu te vi,
E não posso dizer nada.

436

Os teus olhos mais os meus
Teem o mesmo parecer;
Mas os teus teem um jeitinho
Que põem os meus a perder...

437

De tanto, tanto, te olhar,
Com os teus, meus olhos troquei,
Como a troca se arranjou
Sabes tu... pois eu não sei.

438

O cipó no mato bravo
Agarra o jacarandá,
Assim menina teus olhos
Agarrado me teem já.

439

Estes teus olhos, menina,
São varinhas de justiça,
São olhos que me prenderam
Logo na primeira vista.

440

Estes teus olhos, menina,
São confeitos, não se vendem;
São balas com que me atiram,
Correntes com que me prendem.

441

Encontrei estes teus olhos
Domingo, á hora da missa.
Arrenego dêsses olhos
Prendem mais do que justiça.

442

Estás prêsa, meu bem, estás prêsa,
P'ra prisão vou te levar.
Meus olhos serão as praças
Que te vão acompanhar.

443

As fôlhas da bananeira
Mexem co'o sôpro do vento,
Estes teus olhos menina
Mexem com o meu pensamento.

444

Sei ler e sei escrever,
Sei somar, diminuir,
Só a graça dos teus olhos
Nunca pude repartir.

445

Teus olhos têm tanta luz,
Que não sei, por que segrêdo,
Quando eu olho p'ra teus olhos,
Estremeço, tenho mêdo.

446

Teu olhar, moça bonita,
Eu sou capaz de atestar,
Se o sol apagasse o mundo
Servia p'ra alumiar...

447

Menina, se eu pudesse
Dos teus olhos fazer luz,
Deixaria o pobre sol
Na bôca fazendo cruz...

448

Esta noite vou-me embora
Não espero a lua cheia...
Que a luz dêstes teus olhos
Vai me servir de candeia.

449

Não sei que teem os meus olhos
Quando olham para ti:
Acham nos teus um jeitinho
Que nos outros nunca vi.

450

Se as estrelinhas brilhassem
Tôdas juntas de uma vez,
Não dariam uma idea
Dêsses teus olhos cruéis...

451

Você diz que bala mata,
Bala não mata ninguêm,
A bala sim que me mata
São os olhos de meu bem.

452

Olhos pretos, olhos pardos,
Olhos azúis soberanos,
Essas três classes de olhos
Para mim foram tiranos.

453

Entra o amor pelos olhos
Vai ao peito direitinho,
Se não acha resistência
Vai seguindo seu caminho...

454

Os olhos dos namorados
São como cartas fechadas
Que só lêem sem abrir
Os olhos das namoradas.

455

Quem quer bem logo se vê
Logo dá demonstração...
Pelo pisquinho dos olhos,
E pelo apêrto de mão.

456

Os olhos de meu bemzinho
Andam em leilão pela praça;
Não há dinheiro que pague
Uns olhos de tanta graça.

457

Eu conheço uma menina
Que é morena requebrada,
Pois quando revira os olhos
Põe minh'alma espedaçada.

458

A açucena quando nasce
Vem abrindo, vem fechando;
Meu amor, quando me enxerga
Vem todo se requebrando...

459

Está chovendo, quer chover,
Onde nos abrigaremos?
Na sombra dêsses teus olhos
Seguro abrigo teremos.

460

Eu amei, fui infeliz
E jurei não mais amar...
Os teus olhos me obrigaram
Meu juramento a quebrar.

461

A fôlha da hera verde
É verde da côr do mar,
O verde é côr da esperança
Da esperança de teu olhar.

462

Alecrim da beira d'água
Bate o vento, logo torce.
Os olhos dêste ladrão
Já de mim tomaram posse.

463

Um craveiro na janela
Certamente é p'ra vender.
Quem tem seu amor defronte
Nunca se farta de o ver.

464

Encantos que já não gozo
Mas que não posso esquecer,
Fazem de meus olhos tristes
Meu triste pranto correr.

465

Quem quiser ver olhos tristes
Olhe p'ra os meus, desgraçados,
Já foram olhos queridos
E são hoje desprezados.

466

Sobrancelhas de retrós,
Olhos de vera alegria,
Vê o pago que me destes
A quem tanto te queria!

467

Andorinha do coqueiro
Dá-me novas do meu bem...
Os meus olhos estão cansados
De esperar por quem não vem.

468

Há quem seja réu de morte
Sem consciência de o ser...
Digam, se podem, teus olhos
Se não nos fazem morrer.

469

Quando fôr para eu morrer
Quero teus braços por leito,
Por vela teus lindos olhos,
Por sepultura teu peito.

470

Alegre nasci, cantando,
Agora chorando, morro,
Meus olhos pagam tributo
Dos tempos que alegres foram...

471

Quando a raiz topa pedra
A planta logo emmurchece...
Coração que é desprezado
Pelos olhos se conhece.

472

Menina dos olhos grandes,
Olhos grandes como o mar,
Não me olhes com tais olhos,
Posso nêles me afogar...

473

Caí no mar e salvei-me
Nêle não pude afogar,
Mas afoguei-me em teus olhos
Mais pequenos de que o mar.

474

Hei de pegar nos meus olhos,
Hei de os furar com um pausinho:
Os meus olhos são a causa
De eu andar por mau caminho.

475

Olhos que não vêem seus olhos
Senão de meses a meses,
Êsses são os mais amantes
Porque logram poucas vezes...

476

Deus fèz os teus belos olhos
Para ver e p'ra encantar...
Mas a mim só fêz os meus
P'ra te ver e p'ra chorar...

477

As penas do meu martírio
Mais cruéis não podem ser:
Ter olhos para chorar,
Não ter olhos p'ra te ver.

478

Bemzinho, quando te fores
Vem cá me dizer adeus,
Quero mandar os meus olhos
Na companhia dos teus.

479

Ó meu junquilho amarelo,
Teus cheiros estão perdidos...
Trata de ver outros olhos
Que estes estão decididos.

480

Para te amar não preciso
Ver todo o dia teu rosto,
Basta que tenha na idea
Lembranças que me dão gôsto.

481

Se o olhar fôsse alfinete
E que désse alfinetada,
Estavas tôda furadinha
Como renda de almofada.

482

Mangericão verde-escuro
Tem a fôlha miudinha.
Só em te ver eu te amo,
Que «fará» se fôsses minha!...

483

Morena, minha morena,
Cravo de minha almofada...
No dia que eu não te vejo
Não como, não faço nada...

484

Bela morena orgulhosa,
Dá-me água p'ra beber!
Mas olha que não é sêde:
É vontade de te ver!

485

O campo verde se alegra
Quando vê o sol nascer.
Assim se alegram meus olhos
Quando te chegam a ver!

486

A bonina é flor da noite
Só abre depois da tarde.
Pelos olhos se conhece
Quem ama com falsidade.

487

Lá no céu passa uma nuvem
Da grossura de uma fita.
Quem vai ver o seu amor
Parte cego e vem com vista.

488

Vi o sol à meia-noite
Estrêlas ao meio-dia...
Quem anda cego de amores
Varia mais que veria.

489

Quem pintou o amor cego
Não o soube bem pintar...
O amor nasce da vista,
Depois é que faz cegar.

XIII

BEIJOS E ABRAÇOS

490

Ó meu amor, quem me dera,
Quem me dera sempre dar-te,
Beijinhos até morrer
Abraços até matar-te!

491

Dois beijos tenho memória
Que jamais esquecerei:
O último de minha mãe
E o primeiro que te dei.

492

Não tenhas mèdo menina
Dessa boquinha de cravo.
Eu beijo a flor de mansinho
Mas a planta não agravo.

493

O beijo que tu me deste
Sabia a mangericão,
Guardei o cheiro na bòca,
E o beijo no coração.

494

Comer, beber, já não posso...
O que foi que aconteceu?
A bôca não quer perder
O sabor do beijo teu.

495

Dois beijos tenho na bôca
Que jamais esquecerei:
O primeiro que me deste,
O primeiro que te dei.

496

Tenho fome, tenho sêde
E você não adivinha:
Tenho fome dum abraço
E sêde duma boquinha.

497

Na palma de tua mão
Dei um beijo certo dia
E vim com a bôca cheirando
A *fulôr* de melancia.

498

Olhos pretos matadores,
Cara cheia de alegria,
Um beijo de tua bôca
Me sustenta todo o dia.

499

Moça que estais na janela,
Como ouro na balança,
Atirai-me alguns beijinhos,
Perdoai-me a confiança...

500

Meu amor está mal comigo,
Pelo beijo que lhe dei;
Beijo não se pede, dá-se
Foi por isso que eu tomei...

501

A tua bôca de rosa
Dela tem aroma e côr,
Quisera que os meus beijos
Fòssem abelhas dessa flor.

502

Bem contra minha vontade
Caí do amor nos laços...
Corri, faltaram-me pernas,
Resisti, abrindo os braços.

503

Os braços de tôda gente
Querem o mundo abarcar.
Eu não, eu quero sómente
Os meus p'ra te abraçar.

504

Vai-te, carta, que te mando
Ao pé daquele jardim,
Ajoelha, pede licença,
Dá vinte abraços por mim.

505

Quando eu sinto, em tempo frio
O beiço me resfriar,
Nos pés das moças bonitas
Dou beijos p'ra me esquentar.

506

Lá vai a lua saindo
Por detrás da pimenteira...
Já me dói o céu da bôca
De beijar moça solteira.

507

Cegou-me a luz de teus olhos
Enlouqueceu-me teu beijo:
Louco, porêm, mais te adoro
E cego, é que mais te vejo.

508

Os meus sorrisos perdidos,
Os meus prazeres de outrora,
Quem me dera tê-los hoje
Sabendo o que eu sei agora!

XIV

CORPO E JEITO

509

Se eu quisesse misturar
Leite cru e mel de abelha,
Teria, meu bem, a côr
Que a tua mais assemelha.

510

Meu amor é trigueirinho,
Todo queimado do sol,
Assim mesmo é que o quero:
Quanto mais prêto melhor

511

Esta côr quási da noite,
Esta côr que Deus te deu,
Se os outros não gostam dela,
Que importa, se gosto eu!?

512

Vinde cá, minha bem feita,
Corpo de fita lavrada,
Cinturinha de mesura,
Rosto de santa louvada!

513

Um laço de fita verde
Com três dedos de largura...
O corpo de uma morena
Mata a qualquer criatura.

514

Queria ser costureira
Para te fazer um vestido:
Terias todo o teu corpo
Nos meus beijos envolvido.

515

Morena, minha morena,
Corpo de linha torcida,
Queira Deus você não seja
Perdição de minha vida...

516

Se tu fôsses uma árvore
Eu quisera ser cipó:
Vivia em ti enroscado,
Em teu corpo dando nó...

517

Morena, minha morena,
Sobrancelha de veludo,
Não importa sejas pobre,
Teu corpo merece tudo!

518

Por ser assim pobrezinha,
Não tenha inveja a ninguêm,
O seu vestido tem mancha
Mas o seu corpo não tem.

519

Morena, tu tens no corpo
Pimenta, restilo e fogo.
Não sei que tem as morenas
Que a gente as deseja logo.

520

Êsse teu cabelo louro
É que me faz confusão;
Nas tranças dêste cabelo
Perdeu-se o meu coração.

521

Nas ondas dos teus cabelos
Quero aprender a nadar;
Desprezo o risco que corro,
Não me importa de afogar.

522

Lá detrás daquela serra
Tem um pé de abób'ra-d'água.
Quando eu olho a tua cara
Minha bôca se enche d'água.

523

Tens os dentes tão miúdos
Como pedrinhas de sal,
A fala tão temperada
Que me chega a fazer mal...

524

Bôca de cravo da Índia,
Dentes de marfim lavrado,
Quando meus olhos te viram
Meu corpo fêz um pecado.

525

Tua voz me põe doente...
Teu sorriso é amarração...
Teu andar machuca a gente...
Pobre do meu coração!

526

Morena, beiço de rosa,
Claros dentes de marfim,
No meio do teu resono
Dá um suspiro por mim.

527

As ondas do mar são verdes,
No mar tudo são verduras,
Nas faces dêsse teu rosto
Deus botou a formosura.

528

Se alguêm nos surpreender
Não terás nenhum desgôsto:
Escondo-me, bem quietinho,
Nas covinhas do teu rosto.

529

Menina, quando morreres,
Tapa esta cara com um véu:
Não quero que a terra coma
Esta carinha do céu!

530

Venha cá, meu botão de ouro,
Minha semente de prata,
Êsse sorriso me alegra,
Êsse semblante me mata.

531

Não tenho mêdo das ondas
Das ondas bravas do mar...
As ondas dêste teu peito
É que me hão de matar.

532

Vou-me embora, tenho pressa,
Tenho muito que fazer,
Tenho que parar rodeio
No peito do bem-querer.

533

Mangericão de Lisboa
Tem a fôlha verde escura.
Nos braços de uma morena
Tenho a minha sepultura.

534

Duas coisas neste mundo
São minha grande paixão:
Perna grossa cabeluda,
Peito em pé no cabeção.

535

Não tenho mêdo de ti,
Nem da faca mais pontuda;
Tenho mêdo, quando vejo
Perna grossa cabeluda.

536

Muita perna tenho visto,
Perna fina, perna grossa...
Mas as pernas mais bonitas
São as das moças da roça.

537

Queridinha de minh'alma,
Tem pena dos teus pèsinhos,
Não andes assim descalça,
Tem pena dos pobrezinhos!

538

Menina dos pés pequenos
Deixe-os estar, porque tira?
Quanto mais o pé se esconde,
Mais a viola suspira...

539

Não quero ser flor nem fita,
Enfeites, brincos ou anéis,
Queria ser teu sapato,
Para viver a teus pés.

540

Vi o teu rasto na areia
E me pus a considerar
Que teu corpo tem tal mimo,
Que teu rasto faz chorar...

541

Alecrim da beira d'água
De viçoso está tremendo.
As moças de Pôrto-Alegre
De faceiras estão morrendo.

542

A cangica na terrina
Se lhe bolem, está tremendo...
Os teus mimos, meu bemzinho,
Quando moves vão mexendo.

543

Requebra, meu bem, requebra,
Machuca êste coração...
Quebra êste teu requebrado
Mais do que mão de pilão!

XV

CORAÇÃO

544

Meu amor é pequenino,
Do tamanho de um botão;
Assim mesmo é que eu o quero,
Para o trazer no coração.

545

Menina do oratório,
Quero ser seu sacristão...
Para dar a badalada
À beira do coração.

546

Se em troca do teu afecto
Exiges o afecto meu,
Já não tens razão de queixa:
O meu coração é teu!

547

O inferno não me aterra,
Nem a morte me apavora;
Meu coração só se rende
Aos pés daquela que adora.

548

Canta o galo, rompe o dia,
Cai o sereno no chão.
Eu também quero cair
Dentro do teu coração.

549

Meu coração de babosa,
Baba aqui, baba acolá.
O meu coração palpita,
Faz lá dentro tá, tá, tá...

550

Abre a bôca como a rosa
Aos orvalhos do verão.
Dize ao menos que me amas,
E terás meu coração.

551

Nada tenho p'ra te dar
Do jardim dêste meu peito:
Se queres meu coração,
Mete a mão, tira-o com jeito...

552

Penas por sêres magrinha,
Miudinha de feição,
Num peitinho delicado
'Stá mais perto o coração.

553

Não te dou meu coração
Porque não posso tirar...
Se tirar eu sei que morro,
Morro e não posso te amar...

554

Não posso mais, nem que queira,
Ter paz, nem satisfação!
O olhar desta morena
Espinhou meu coração...

555

Lá se vai meu coração
Para te servir de prenda.
Não o maltrates, bemzinho,
Que não tem quem o defenda.

556

Negaste-me a formosura
Que a natureza te deu.
Nesse teu peito não tens
Um coração como o meu.

557

Você diz que eu sou escura...
Mas é claro o coração:
Muito branco é parecido
Com *capucho*[1] do algodão.

---

[1] Aliás capulho, cujas fibras alvas envolvem uma semente preta.

558

Lá vai o meu coração,
É a prenda que te mando.
Êle lá vai ser feliz,
Eu por cá fico chorando.

559

Muito padece quem ama,
Muito sofre um coração,
De dia apanha poeira
De noite, constipação!

560

Rua abaixo, rua acima,
Sempre com o chapéu na mão...
Não achei quem me dissesse
Cobre-te, meu coração!

561

O amor, quando é tecido,
Não pode ser desmanchado.
Dois corações bem unidos,
Não podem ser apartados.

562

Amar a duas pessoas
Não pode um só coração.
Deus formou uma só Eva
Por ter feito um só Adão.

563

Coração que ama a dois
Que firmeza pode ter?
Já te dei o desengano,
Não pretendo mais te ver.

564

Coração que a muitos ama
Não sabe o que é querer bem,
Pois faz carinhos a todos,
Mas não contenta a ninguêm.

565

Tenho o coração magoado,
Coberto de cicatrizes:
É como roçado novo,
Queimado e cheio de raízes...

566

Desde o dia em que te vi
De te amar fiz a tenção.
É justo, pois, prenda minha,
Que me dês teu coração.

567

Meu coração está vazio,
Está com escritos agora:
Se o quiserem alugar
Dou preferência à senhora.

568

Com uma chave que tenho
Abre-me êste coração,
Dentro dêle encontrarás
Muitas queixas com razão.

569

Quando a bôca diz que sim,
A cabeça diz que não.
Ora, que me diz a mim
O que sente o coração?

570

Pega lá meu coração
Vinga nêle os meus delitos,
Crava-lhe um punhal agudo
Não te embaracem meus gritos.

571

Sou meirinho, à tua porta,
Venho fazer citação,
Estás intimada, ingrata,
A me dar teu coração.

572

No meu rosto ninguèm vê
Nenhum sinal de aflição...
Minha pena, meu cuidado
Eu guardo no coração.

573

Uma esmolinha, chorando,
Te pediu meu coração...
Nem ao menos lhe disseste:
Deus te ajude, meu irmão!

574

Bate, coração, bate,
Arrebenta-me êste peito...
Como cabem tantas mágoas
Num espaço tão estreito?

575

Eu passei na tua porta
E bati na fechadura
Te chamei, não respondeste,
Coração de pedra dura!

576

Coração de pedra dura
Como pedra de amolar...
A pedra no fogo abranda
Só tu não hás de abrandar!

577

Vou-me embora desta terra,
É mentira não vou não...
Quem vai lá é o corpo só,
Mas não vai o coração.

578

No coração moram sonhos,
Como pombas, nos pombais;
Mas as pombas vão e voltam,
Êles vão, não voltam mais...

579

Não sei como inda um sorriso
Pode encontrar expressão
Nos lábios de um desgraçado
Que tem morto o coração...

580

Suspiros que vão e vem
Suspiros que vem e vão
Dai-me novas de meu bem
Levai-lhe meu coração.

581

Quando solto os meus suspiros
Turva o ar e treme o chão,
Parece que a natureza
Tem dó do meu coração...

582

Lá vem a lua saindo,
Redonda como limão:
Tanto azedume guardado
Dentro do meu coração!

583

O inferno não me aterra,
Nem a morte me apavora,
Meu coração só se rende
Aos pés daquela que adora.

584

Vou armar a minha rêde
Onde corra a viração...
Nos braços de uma morena
Junto do seu coração.

585

Lá se vai meu coração,
Partido em quatro pedaços
Meio vivo, meio morto
Vai acabar nos teus braços.

XVI

CASAMENTO

586

Menina, minha menina,
Meu caroço de dendê,
Se eu fôsse rapaz solteiro
Me casava com você.

587

Nos sertões aonde moro
Tenho terras, tenho gado,
E o que tenho será teu
Se isto fôr do teu agrado.

588

Alecrim da beira d'água
Mangerona, poço fundo:
A moça que quer casar
Não namora todo o mundo.

589

Quando o rato enjeita côco
E a menina casamento,
Ou pimenta tem o côco,
Ou o moço impedimento.

590

Minha folhinha de coentro
Assente-se e conversemos:
Se estás arrependida,
Somos solteiros, casemos.

591

Tirana, minha tirana,
Ai tirana de Irajá!
Aquilo que nós falamos
Tomara que fôsse já...

592

Os enfados de meu pai
Não posso mais suportar;
Eu já tenho quinze anos,
Minha mãe, quero casar!

593

Oh menina, não te cases,
Aproveita a boa vida,
Que eu já vi uma casada
Chorando de arrependida...

594

Menina, diga a seu pai,
Que se quer ser meu amigo,
Ou me pague o meu dinheiro,
Ou case você comigo...

595

Estendi meu lenço branco,
Nas flores do mucugê.
Dê aqui, dê d'acolá,
Eu me caso com você.

596

Menina, seu pai não quer,
Que eu me case com você:
Bote-lhe areia nos olhos,
Que o homem cego não vê.

597

Minha mãe, case-me logo,
Casadinha quero ser,
Eu não sou soca de cana,
Que morre e torna a nascer.

598

Lá está o padre casando,
Já é o quarto êste mês...
Chega o dia para os outros,
Só não chega a nossa vez...

599

As nuvens correm ligeiras
No céu, tocadas do vento.
Não sei quando é que tu queres
Seja o nosso casamento.

600

Uma velha, muito velha,
Mais velha que o meu chapéu,
'Viu falar em casamento
Levantou as mãos p'ra o céu!

601

Eu tratei meu casamento
Num canteiro de alecrim.
A moça me deu taboca,
Bom p'ra ela, bom p'ra mim.

602

Lá do céu caíu um cravo,
De tão alto desfolhou.
Quem quiser casar comigo,
Fale com quem me criou.

603

Não preciso travesseiro
Quando fôr p'ra me casar,
Tenho os peitos de meu bem
P'ra nêles me recostar.

604

Menina, minha menina,
De teu pai não tenho mêdo,
Já preparei o enxoval
E um anel para teu dedo.

605

De livre que sempre fui,
Hoje escravo me tornei;
O amor sujeita a tudo
Ao rigor da sua lei.

606

Todo homem, quando embarca,
Deve rezar uma vez,
Quando vai à guerra, duas,
E quando se casa, três.

607

Andei em guerras e pestes,
Muitos perigos passei;
Nunca tive tanto mêdo
Como quando me casei.

608

Todo o cativo procura
Ter a sua liberdade:
Eu procurei cativeiro,
Por minha própria vontade.

609

Passarinho que cantais
Do primeiro de Janeiro,
Canta, canta a liberdade,
Qu'eu choro meu cativeiro.

610

Se hoje eu estou casado,
Nosso Senhor me casou,
Dou por mui bem empregado
Ser cativo de quem sou.

611

Meu pai, para me ver casado,
Prometeu-me um burro branco,
Mas depois que me casei...
— Meu filho, o burro está manco!

612

Meu pai, para me ver casada,
Prometeu-me uma panela,
Mas depois que me casei...
Não vi nem um caco dela.

613

Folguei quando foi forjado
O grilhão para me prender,
Agora quero quebrá-lo,
É tarde, não pode ser!

614

Em cima daquela serra
Tem um pé de jatobá.
Não há nada «mais pior»
Do que homem se casar.

615

A gente quando se casa
Vive na lua de mel;
Depois, o caldo se entorna,
E a lua vira de fel.

616

Valha-me Nossa Senhora,
Mãe de Deus da Conceição!
Quem casa com mulher feia
Tôda a vida tem paixão

617

Um pé de limão mais doce,
Outro de limão azêdo:
Amor de mulher casada
É coisa que tenho mêdo.

618

Rua abaixo, rua acima
Sempre de chapéu na mão,
Namorando as casadas
Que as solteiras minhas são.

619

Viuvinha, viuvinha
Eu quero ser teu marido,
Quero fazer-te esquecer
Quem te ocupou o sentido.

XVII

AMOR FELIZ

620

Dei um nó na fita verde,
Dei-lhe a fita de presente.
Você fala e não repara
'Stamos em meio de gente.

621

Quem ama não tem vergonha,
Não se lhe dá da má fama.
'Stá vendo a hora que dizem:
«Mata o ladrão que me ama!»

622

Meu balaio de costura
Tem um segrêdo no fundo;
Queira-me bem, que desprezo
Querer-me mal todo o mundo!

623

Eu queria, ela queria;
Eu pedia, ela negava;
Eu chegava, ela fugia;
Eu fugia, ela chorava...

624

Quis gritar, voz não saíu;
Quis fugir, cambaleei;
Dizia não, me entregando,
Nos braços dèle me achei...

625

Queridinha, junto a mim
Em teu peito põe a mão:
Verás bater dentro dèle
Junto ao teu, meu coração.

626

Fiz uma combinação
Com a gente de meu bem:
Ir vê-la, num dia sim,
E no outro dia, também.

627

Se amor pudesse remir
Os pecados dêste mundo,
Eu estava santo em vida
Porque amo sem segundo.

628

Ao amor não faço pouco,
Pois êle preço não tem.
O prémio do amor se paga
Amando e querendo bem.

629

Tenho o meu relógio d'ouro
Com ponteiros de marfim.
O dia que não te vejo
São cem anos para mim.

630

Se o querer bem se pagasse
Muito estavas me devendo;
Com dinheiro não se paga
O bem que te estou querendo.

631

Quero bem porêm não digo,
Trago o amor dividido;
Eu ando por tôda a parte
Só em ti trago o sentido.

632

Da beleza que há no mundo
Na tua fiz eleição:
Adeus, prenda de minha alma,
Jóia do meu coração!

633

Graças a Deus para sempre
Que a minha pomba falou!
A minh'alma estava morta,
Agora ressuscitou!

634

Alvíçaras, meu bem, alvíçaras,
Alvíçaras, que eu já cheguei...
Achei o que procurava,
Agora descansarei.

635

Eu fui aquele que disse,
Depois de dizer não nego,
Que achando amor a meu gôsto,
Morro sêco e não me entrego!

636

Quero bem a gente gorda,
Que meu amor é gordinho...
Êle me serve de encôsto
Aos ossos do meu corpinho.

637

Chegaste, meu bem chegaste,
Chegaste, em boa hora;
Meu pai já está dormindo,
Minha mãe deitou-se agora...

638

Dos filhos que meu pai teve,
Eu fui o mais destemido,
Pretendi às mais bonitas
E nunca fui repelido.

639

Chove, chuva miudinha,
Na copa do meu chapéu.
Quando estou com meu bemzinho
Sempre cuido estar no céu.

640

Sôbre as águas me debruço
P'ra ver nelas meu retrato;
Gosto mais, quando os teus olhos
Fazem as vezes do regato...

641

Eu não quero discutir,
Mas eu quero que me ouça:
De tôdas as iguarias
A melhor é a carne moça!

642

O pobre também é gente,
Também ama e firme adora.
Também goza coisas boas,
Por êle também se chora.

643

Não te encostes na parede,
Nem no pau do pessegueiro,
Encosta-te nos meus braços,
Que não te custa dinheiro.

644

Não te encostes na parede,
Que a parede larga pó,
Encosta-te nos meus braços
Que esta noite dormi só.

645

Morena, minha morena,
Chega tua bôca na minha;
Teu corpo junta no meu,
Como faca na bainha.

646

Se a fortuna me sorrisse
Com todos os seus favores,
Eu te faria rainha,
Te coroava de flores.

647

Mas se isto não me é dado,
Porque assim não quis a sorte,
Contentes vivamos juntos,
Juntinhos até à morte!

648

Sorrio, nos teus sorrisos;
Nos teus suspiros, suspiro;
Soluço nos teus soluços;
Nos teus delírios, deliro.

649

Porque é tão curta a noite
E o dia tão comprido?
É que à noite estás juntinha,
De dia só no sentido.

650

Hás de ir, hás de voltar,
No meu colo hás de assentar.
Quero ver o valentão
Que te faça levantar.

651

Não te lembres do passado,
O passado... já passou!
Só te lembres do futuro
Qu'inda não principiou!

652

Eu 'stava no meu cantinho,
Não bulia com ninguêm,
Foi você mexer comigo...
Agora me queira bem!

XVIII

FIRMEZA

653

Não sei a minha firmeza
Contigo o que é que tem,
Só me pede o coração
Amar-te e querer-te bem.

654

Depois de um peito querer,
Do coração se agradar,
No mundo não há poder
Que faça um bem se apartar.

655

Sou meiga por natureza,
Sensível por condição,
Sei amar eternamente
A quem dei meu coração.

656

Noite escura tenebrosa
Não temas de me falar,
Quem ama não teme a morte,
Quem teme não sabe amar.

657

Se algum dia não te amar,
E teu amor venha a esquecer,
O céu justiceiro faça
Contra mim raios chover.

658

Dentro do meu peito há
Um cantinho reservado,
Todos cobiçam por êle,
Só p'ra ti tenho guardado.

659

Sôbre mim raios despeje
O céu que me ouve agora,
Se sôbre minha vontade
Não tens mando a tôda a hora.

660

Não tenhas, meu bem, receio
Que qualquer outro possua
Um coração que te dei,
Uma alma que já é tua.

661

Dos meus braços para fora
Quero bem a todo o mundo.
Dos meus braços para dentro
Só a um, e sem segundo.

662

Parece uma «coisa feita» [1]
Êsse nosso querer bem,
Pois não casando contigo,
Não caso com mais ninguêm.

---

[1] Feitiço.

663

Nas ondas do mar tem limo,
Debaixo do limo o peixe;
Emquanto o mundo fôr mundo
Estás livre que eu te deixe.

664

Eu hei de amar-te por artes
Que ninguêm venha a saber,
Com todos hei de brincar,
Só a ti hei de querer.

665

Fui soldado, assentei praça
No regimento do amor,
Como sentei por meu gôsto
Não posso ser desertor.

666

Alecrim verde cheiroso,
Mangerona doutra banda.
Eu hei de amar-te, menina,
Nem que me corra demanda.

667

Do momento em que te vi
Te fiquei querendo bem;
Assentei cá no meu peito
Não amar a mais ninguêm.

668

Eu sempre te fui lial,
Sempre te guardei respeito;
Morro por tuas feições,
Acabo por ti sujeito.

669

Não penses que pela ausência
Eu de ti possa esquecer...
Quanto mais longe estiveres,
Mais firme te hei de ser.

670

Não penses que pela ausência
Eu te perca a lialdade:
A mesma ausência permite
Querer-te bem na saudade.

671

Raminho de salsa verde,
Verdura de todo ano...
Enganado sempre eu viva
Vida minha, se eu te engano.

672

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a flor de Alexandria!
Viva quem de mim se lembra
Tôdas as horas do dia!

673

Esta minha alma constante
Vive sempre atrás da tua...
Como a noite atrás do dia,
Como o sol atrás da lua.

674

Embora se passe o tempo,
Embora se passe um ano,
Teu coração seja firme
Que no meu não há engano.

675

Depois de 13 de Maio
Não há mais ninguêm cativo;
Só eu não quero ser fôrro,
P'ra teu escravo é que eu vivo.

676

Meu amor é uma lage,
Que está no meio do mar,
Dá-lhe o vento, dão-lhe as ondas,
Não se move do lugar.

677

A fôlha do lírio vira,
Eu tambêm quero virar.
Você sabe que eu sou seu,
Não precisa suspirar.

678

Despenquei-me num barranco,
Quási que torço o pescoço:
Se é muita a fôrça do amor,
A chuva não quebra ôsso.

679

Noite escura, temerosa,
Fuzila que mete mêdo...
Se a fôrça do amor é muita,
Topada não quebra dedo.

680

A fôlha de alho vira,
Só eu não posso virar...
Quem toma amores comigo
Vai ao céu, p'ra não voltar.

681

Chova a chuva que chover,
Vente o vento que ventar,
Que no colo de Maria
Eu me vou acalentar.

682

O amor é um turejo
Que Deus me deu por castigo...
Dormindo inda penso em ti,
Já acordo às voltas contigo.

683

Me disseste que eras firme
Como as palmas do sertão...
Se fôssem elas bem firmes
Não tremiam até o chão.

684

Se não crês no que te digo
Tens aqui meu juramento:
Acharás teu nome escrito
No meu firme pensamento.

685

Passam os dias, os anos,
Passam o desejo e o poder...
Mas uma coisa há que fica:
Lembrança do bem querer.

686

Se a sorte me der a outro
Hei de o amar por dever.
Mas a ti, por simpatia,
Hei de amar até morrer!

687

Querido bemzinho, adeus,
Lembra-te sempre de mim...
Pois êste amor que te tenho
Só com a morte terá fim.

688

Se amor dura além da morte,
Constância eterna hei de ter...
Se dura só nesta vida
Hei de amar-te até morrer!

689

Onde tu fores, ingrata,
A tua sombra hei de ser...
Hei de morrer por amar-te,
Hei de amar-te até morrer!

690

Embora um outro consiga
O que eu não pude obter,
Êste amor que me consome
Morrerá quando eu morrer.

691

Quando morreres, meu bem,
Mando fazer-te uma cova,
Com uma enxada de prata,
No meio da lua nova.

692

Se eu morrer com minha fala,
Com meu juízo perfeito,
Hei de pedir que me enterrem
No jardim dêste teu peito.

693

A firmeza do meu peito,
Só tu podes conhecer.
Hei de amar-te a vida tôda
E inda depois de morrer

694

Ainda depois de morto,
Debaixo do frio chão,
Acharão teu nome escrito
Dentro do meu coração..

695

Quando o mundo se acabar,
E não houver mais ninguêm,
Vai na minha sepultura
Que ainda te quero bem.

696

Se tu fôsses condenado
Ao inferno, por castigo,
Eu desceria ao inferno,
Inda abraçada contigo.

XIX

CIÚMES

697

Bemzinho, se eu te contara
A mágoa que me consome,
Sómente de imaginar
Que podes ter outro nome..

698

Meu coração está mais roxo
Do que a flor do manacá.
A menina do meu gôsto
Vai amanhã se casar.

699

Passa por mim e não fala,
Isto é pedido de alguèm...
Suma-se, não me apareça
Faça a vontade a seu bem!

700

Bogari que tanto cheiras
Na cabeça de meu bem,
Bogari, eu desconfio,
Foste dado por alguêm...

701

Meu anel de sete pedras,
Não sejas tão agastado,
Brincarei com todo o mundo,
Teu cantinho está guardado.

702

Na beira de minha casa
Há goteiras sem chover.
Meu amor brincar com outro
É o que eu não posso ver

703

Tenho meu lencinho branco
Com um espinho em cada ponta.
Brinca lá com quem quiseres
Depois justaremos conta.

704

Teus lábios roxos são doces
Parecem feitos de mel...
Mas quando riem p'ra os outros
Me amargam mais do que fel.

705

Quem quiser ter segurança
Para gozar de seu amor,
Tem de velar noite e dia
Disposto a seja o que fôr.

706

Atirei o meu lencinho
Por detrás de uma janela,
Quem tem seu amor bonito
Não dorme, faz sentinela.

707

Dos perigos de mudança
Ninguêm viva descansado:
Amor não quer confiança,
Gosta de andar assustado.

708

Eu gosto da rosa branca
Pelo cheiro que ela tem.
Quem tem amor, tem ciúmes,
Quem tem ciúmes, quer bem.

709

Meu coração tem ciúmes
Ciúmes de ti, meu bem,
Pois quem ama sem ciúmes
É porque amor não tem.

710

Eu bem conheço o alecrim
Pelo cheirinho que tem:
Se de ti tenho ciúmes
É porque te quero bem.

711

Se quem ama adivinhasse
O mal que o ciúme faz,
Não daria falso um passo
Nem p'ra frente, nem p'ra trás.

712

Os ciúmes envenenam
E a gente fazem ruím...
Amor que virasse ódio
Havia de amar assim.

713

Tenho um nó no coração
E tenho a cabeça inchada,
Ciúme mata ou maltrata,
Ou deixa a alma aleijada.

714

Quem quiser comprar ciúmes
Tenho muito p'ra vender,
Tenho uma cestinha cheia
Que não posso suspender.

715

Dizem que ciúmes matam.
Ciúmes não matam não;
Pois se ciúmes matassem
Estava eu morto de paixão.

716

Duas coisas neste mundo
O meu coração não quer:
É piolho de galinha
E ciúme de mulher.

717

Ciúme é como tempêro
Que faz gostosa a comida:
Tempêro demais no prato
Ó que coisa aborrecida!

718

Eu sou cabra disfarçado,
Não dou o braço a torcer...
Ciúme está me moendo,
Mas não deixo perceber.

719

— Andaste pelas estradas
Saíste ontem da aldeia...
Eu te conheço as pisadas...
Chorei teu rasto n'areia.

720

— Esta noite não fui fora,
Não fui a parte nenhuma...
As estrelinhas do céu
Me servem de testemunha.

721

Se eu brigar com meus amores
Não se intrometa ninguêm,
Que passados os arrufos,
Ou eu vou, ou ela vem.

722

Se brigas de amor matassem
Todos viviam morrendo...
O que vale é que elas nascem
E se vão logo esquecendo.

723

Pancada de amor não dói,
Se dói dá prazer tambêm...
Não te bato por meu gôsto,
Só te bato p'ra teu bem.

724

As flores do manacá
Não têm firmeza na côr.
Como posso eu confiar
Nas juras do teu amor?

725

Eu não posso, nem que queira,
Ter em ti mais confiança:
Tudo cansa neste mundo,
Porque é que amor não cansa?

726

Dêstes dois fatais extremos
Qual devemos escolher:
Ver morta a mulher querida,
Ou vê-la em outro poder?

XX

INCONSTÂNCIA

727

Adeus, delícias dos olhos,
Infinito coração!
Encosta-te no meu peito,
Vê se sou lial ou não.

728

Ventura eu quisera ter
De viver sempre contigo...
P'ra sossêgo de minh'alma,
Descanso do meu sentido.

729

Triste de mim, solteirinho,
A vida passo a assuntar...
Eu bem quero, mas não posso,
Não posso deixar de amar.

730

Nesta viola de pinho
Cantam dois canários dentro;
Não pode ter bom juízo
Quem tem vários pensamentos.

731

As estrêlas no céu giram,
Mas voltam ao seu lugar.
Eu também fujo de ti,
Mas torno sempre a voltar!

732

Comecei a aborrecer
E até cheguei a odiar...
Vim depois a bem querer
E agora fico a adorar.

733

Vamos cessar a contenda
Que andamos nós pelejando:
Ou me amas de uma vez,
Ou prometes me ir amando.

734

Chuva, se não quer chover,
Deixe de estar peneirando...
Ou me amas com firmeza,
Ou me vais logo deixando.

735

Marrequinha da lagoa,
Paturi do Passo Fundo,
Como queres que eu te ame,
Se tu és de todo o mundo?

736

No tempo em que te amei
Não amei a mais ninguêm:
Amei a sete e a oito,
Nove contigo, meu bem!

737

Não tenho culpa de andar
Fazendo os outros sofrer...
Eu só posso amar a um...
A tantos não pode ser!

738

Estas correntes que arrasto
Pelas ruas da cidade,
Não teem tamanho pêso
Como a tua falsidade.

739

Se o amarelo desbota,
O azul tambêm perde a côr.
Se me perderes da vista,
Não percas do teu amor.

740

Se te enfastia eu querer-te
É fôrça, bem sei, deixar-te;
Ensina-me a aborrecer-te,
Que não sei senão amar-te.

741

Se você não me queria
Para que me acarinhou?
Tenha santa paciência,
Abra os braços que lá vou!

442

O primeiro amor que tive
Botou-me sal na moleira...
Nem assim aprendi nada,
Vivo teimando na asneira!

743

Dormindo estava sonhando
Contigo, minha beleza...
Acordei-me, achei-me em claro,
Em sonhos não há firmeza.

744

Faço planos de deixar-te
Te vejo, os planos lá vão...
Comigo tu podes mais
Que a minha resolução!

745

Sapatinho que calcei
No monturo já deixei...
Que me importa que outros gozem
Coisinha que eu já gozei!

746

Justos céus, ó que ventura!
Já zombei do amor um dia!
Já quebrei, fiz em pedaços
O grilhão que me prendia!

XXI

INGRATIDÃO, DESENGANOS

747

Amas a Nosso Senhor
Que morreu por tôda a gente...
Só a mim é que não amas,
Que morro por ti sómente!

748

Não botas lenha no fogo,
Queixas que o fogo se apaga:
Ama quem quer ser amado,
Amor com amor se paga.

749

Tu és cheinha de graça,
És quási uma perfeição...
Só um defeito: é um vazio
No lugar do coração.

750

Eu como cravo me abro,
Tu como rosa te fechas,
Eu como amante te busco,
Tu como ingrata me deixas.

751

Você chamou-me de feia
Chamou-me de cousa má.
Agora quer agradinho,
Acabou-se, já não há.

752

Se eu soubesse quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não dava o meu coração,
Para agora padecer.

753

Já te quis, já te não quis,
Já te perdi a afeição,
Já te varro com a vassoura
Que varreu o triste chão.

754

Parece até disparate,
Mas é verdade patente,
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.

755

Eu amo a quem não me quer
E desprezo a quem me ama;
Fujo de quem me procura,
Quero bem a quem me engana.

756

Lá se vai o sol entrando
Por um canudo de prata;
Vai ferindo, vai matando,
O coração desta ingrata.

757

Não há nada mais amargo
Que a amargura da babosa,
Só esta ingrata acertava
Com cousa mais amargosa.

758

Juraste, jurei, jurámos;
Jurámos, jurei, juraste;
Quebraste, quebrei, quebrámos;
Quebrámos, quebrei, quebraste...

759

Abaixa-te serra negra,
Deixa ver Mogy-mirim...
Quero ver se aquela ingrata
Inda se lembra de mim.

760

Tanto bem que eu te queria
Olha o pago que me déste,
Só quem não tem coração,
Faz o que tu me fizeste.

761

Ingrata, eu bem te dizia
Que isto havia de ter fim.
Olha como saíu certo,
Já te esqueceste de mim.

762

P'ra tudo encontro medida
P'ra chita e madapolão,
Só não encontro, querida,
Para a tua ingratidão.

763

Basta, tirana, não posso
Mais sofrer o teu rigor...
Não vês que por ti padeço
Cuidados do nosso amor?

764

Meu coração é de vidro
Feito de mil travações,
Com qualquer cousa se quebra,
Não atura ingratidões.

765

Perdi a credulidade
Que tão cativo me fêz,
Porque no amor é bastante
Ser-se enganado uma vez.

766

Quem do meu peito saíu
Não me bote mais seu ôlho,
Na minha porta achará
Tranqueira, chave e ferrôlho.

767

A lagoa já secou
Onde os pombos vão beber.
Triste caso o de quem ama
Quem não sabe agradecer!

768

Deixe-me cantar bem alto
P'ra acordar a vizinhança,
Para ver se aquela ingrata
Inda me tem na lembrança.

769

Eu me queixo, tu te queixas,
Não sei qual terá razão:
Tu te queixas de meus erros
Eu da tua ingratidão.

770

Já tive um amor perfeito
Plantado no coração,
Pois murchou, à falta d'água,
Regada por tua mão...

771

Tudo custa neste mundo,
Custa o bem, custa a esperança,
Só não te custa, menina,
O rigor desta mudança.

772

As árvores, por serem árvores,
Sentem golpes que lhes dão;
Como não queres que eu sinta
Esta tua ingratidão?

773

Eu era quem te dizia,
Tu eras quem duvidavas,
Que no fim do nosso amor
Tu eras quem me deixavas.

774

Os laços com que me ataste,
Todos quebrei, fiz em pó;
Neste mundo há muita gente...
Você não é gente só...

775

Quando eu quis, não me quiseste,
Cuidavas ser mais que eu,
Agora, que tu me queres,
Agora, não quero eu.

776

Eu bem vejo com meus olhos
Andares tu me ofendendo.
Mas eu faço que não vejo...
É mundo... vamos vivendo!

777

Você diz que me quer bem,
Nossa Senhora lhe pague;
Mas se o bem é de interêsse,
Perde o seu tempo, debalde.

778

A bonina é disfarçada,
Quem me dera ser assim!
É bem asneira morrer
Por quem não morre por mim...

779

Já te quis, não quero mais,
Já te dei o desengano,
Deus permita que tu morras
No sereno, cochilando...

780

Já te amei, não te amo mais,
Tenho a minha opinião:
Caldo e café requentado
Não causam satisfação.

781

No tempo em que te adorava,
Rompia cêrcas de espinho;
Mas hoje pago dinheiro
P'ra não te ver o focinho.

782

Da minha casa p'ra tua
Já foi estrada real;
Mas agora é mata virgem,
Coberta de cipoal...

783

Dêste teu amor fingido
Já fiz caso, hoje não faço;
Eu por ti já dei a vida,
Hoje não dou nem um passo.

784

Eu para ver se morria
Bebi veneno em porção;
Veneno a mim não me mata,
Me mata é a ingratidão.

785

Desabotoa teu colete,
Deixa ver teu camisote;
Quero ver teu peito ingrato
Causador da minha morte.

786

Ingrata, porque me foges,
Porque me fazes sofrer?
Não me consegues mudar:
Hei de amar-te até morrer!

XXII

AMOR INFELIZ

787

Triste quem ama escondido!
Dobradas penas padece...
Passando por seu amor,
Fazendo que o não conhece.

788

Procuro por todo o meio
Minha sentença e não acho;
Não há petição no fôro
Que não tenha o seu despacho.

789

Vagueia, ó meu pensamento,
Por êsse espaço d'alêm...
Que o sono do esquecimento
Debalde o busco, não vem.

790

Tenho dentro do meu peito
Uma dor que me consome:
Quando eu dou p'ra suspirar
Da bôca me sai teu nome.

791

Menina, que está tão triste,
Com a mão chegada ao rosto,
Me diga quem foi a causa
Dêsse tão grande desgôsto.

792

Menina, tu és a causa
Do mundo falar de mim;
Se já não tenho vergonha,
Foi que me puseste assim!

793

Menina, por teu respeito,
Vivo dormindo nos matos,
Todo coberto de cisco,
Todo roído de ratos...

794

Mexe os bilros, distraída,
A tua mão delicada...
Teces também meu destino,
Como a renda d'almofada.

795

Você diz que me quer bem,
Que me ama no seu peito...
Quem quer bem não faz assim,
Quem ama tem outro jeito.

796

Você diz que me quer bem,
Mente, não deite tal fama,
Pois quem ama não ofende...
Você que ofende, não ama!

797

Jesus manda amar aos pobres,
Aos tristes, aos desgraçados,
Manda amar aos inimigos,
Quanto mais aos namorados!

798

Se o amor não fôsse cego,
Eu seria bem feliz...
Porque, lendo no meu peito
Verias o que êle diz.

799

Se eu pudesse te mostrar
Os segredos de meu peito,
Verias tudo o que sofre
Meu amor por teu respeito.

800

Chove, chuva miudinha,
Na copa do meu chapéu...
E' a causa você mesmo
De eu andar de déu em déu.

801

Se eu soubesse quem tu eras,
Quem tu havias de ser,
Não te dava o coração
Para tão cedo sofrer!

802

Fui na guerra, sofri fome,
Muitos trabalhos passei...
Nunca fui tão desgraçado
Como depois que te amei.

803

No tempo em que eu te amava
Mais valia estar doente,
Com vinte e cinco sangrias
Ou morto de um acidente!

804

Vivo tão desesperado,
Que um dia, com certeza,
Contra ti me atreveria:
Vale-te a tua fraqueza!

805

No coração foge o sangue
Dá-se um nó angustiado,
Quanto mais êle se aperta,
Mais parece que é pesado.

806

'Stou dormindo, estou sonhando
Acordo, fico a pensar,
O pesar que me devora
É ver meu amor penar...

807

Teu desprêzo é como fogo,
Que queima todo o roçado;
Meu amor, como as raízes,
«Arresiste», conservado.

808

Porque meu corpo definha,
Minh'alma vive de luto?
Fruteira muito podada,
Como é que pode dar fruto?

809

Lágrimas são que eu almoço,
Janto suspiros e dor,
À tarde merendo ais,
À noite ausência de amor:

810

Antes eu nunca te visse,
Se visse, não te quisesse,
Trabalhos não passaria
Se de ti nunca soubesse...

811

Eu nunca tive cuidados
Antes de te conhecer...
Sou agora um desgraçado:
Assim é que deve ser!

812

Lá se vai o sol entrando
Por detrás daquele monte...
Entra e sai, a minha mágoa
Eu não acho quem lhe conte!

813

Barquinho de velas sôltas,
Que correis por êsses mares,
De-pressa, aproai à terra,
Livrai-me dos meus penares!

814

Se passasse minha mágoa
Como corre aquele rio,
Seria entre chôro e água
Um constante desafio...

815

Dizem que o pito alivia
As mágoas do coração;
Eu pito, pito e repito,
E as mágoas nunca se vão...

816

Vi avoando uma pomba
Por cima daquela rama.
Quando me viu foi dizendo:
Muito padece quem ama!

817

Gemo, suspiro e dou ais,
Quando acabo, recomeço,
Sofro, sem poder achar
Alívio p'ra o que padeço...

818

Vejo lá naquela banda
As espadas reluzir...
Vejo meu amor em guerra
E não posso lhe acudir!

819

E' mudo o meu coração
Não fala, nem aparece,
Se êle pudesse falar
Diria por quem padece!

820

Quebrar ferro, apagar fogo,
Não acho ser valentia...
Valente é meu coração
Que te sofre a tirania!

821

Gosto de ti, porque gosto,
Porque meu gôsto é gostar...
Se tu não gostas de mim,
Porque me fazes penar?

822

Quem tiver cama de penas
Procure dormir com jeito...
Há muito roubam-me o sono
As penas dêste meu peito.

823

Rua abaixo, rua acima,
Sempre de chapéu na mão...
Não achei quem me dissesse
Cobre-te, meu coração!

824

Quem me vê de rosto alegre
Não sabe do coração...
Não mostro, não te dou gôsto
Tenho a minha opinião!

825

Meu coração e meu rosto
É como fruto estragado:
Por fora ninguêm vê nada,
Por dentro é que 'stá bichado.

826

Em tôda festa me acho,
Fingindo satisfação,
Sei conter o meu penar
No fundo do coração...

827

Porque não me viu chorar,
Você me chamou ruím...
Minha dor não dói p'ra os outros,
Eu choro dentro de mim...

828

Com o sangue de minhas veias
Escrevi-te uma cartinha;
Com o fel do teu desprêzo,
Mandaste resposta à minha.

829

Meu amor desconfiado
Recebeu um golpe rude:
Sorriste ontem p'ra mim...
Foi visita da saúde!

830

Eu não quero mais amar
Nem achando quem me queira,
O primeiro amor que tive
Botou-me sol na moleira.

831

Basta, pensamento, basta,
Deixa-me emfim descansar!
Bem que não pode ser meu
Tormento é vir me lembrar.

832

Eu com armas não venci,
Outro sem armas venceu,
Foi da sorte protegido,
Foi mais feliz do que eu...

833

Dos desgraçados do mundo
O mais infeliz sou eu.
Porque não pude lograr
Um bem que a sorte me deu...

834

Eu quero, porêm não posso;
Eu posso, porêm não devo;
Devo, porêm tenho pena;
Tenho pena, não me atrevo...

835

Menina, não te consumas,
Vai-te deitar e dormir,
Pois não posso ver penar
A quem hei de possuir...

836

Meu amor me dá trabalhos,
Sofrimento rigoroso:
Êle lá sabe o que faz...
Prepara o prato gostoso!

837

Entre mim e meu amor
Tem um riacho no meio:
De lá dá ela um suspiro,
Eu de cá suspiro e meio.

838

Viver sem ti eu não posso,
Contigo não pode ser,
Ou se muda a natureza,
Ou se demuda o dever.

339

Combate dentro de mim
Meu amor, meu inimigo:
Não posso viver sem ti,
Não posso viver contigo!

840

Êsse bicho arrenegado
Tôda a noite me tentou,
Quando foi de madrugada
Foi-se embora, me deixou...

841

Menina, minha menina,
Você me fêz uma boa...
Fez-me dormir no molhado
Como sapo na lagoa.

842

Estando nós dois na mesa,
Nem um nem outro comia,
Pois o chôro era tamanho
Que pela mesa escorria...

843

Fui viver na soledade,
Em completo afastamento.
Mas lá, no fundo do mato,
Te topou meu pensamento...

844

Chorando, tomei amores,
Chorando, amores tomei,
Chorando, tu me mataste,
Chorando, morto fiquei...

XXIII

HOMENS E MULHERES

845

Menino desde nascença
Tem coração de serpente;
Chora, quando é pequenino,
Quando cresce mata a gente.

846

Primeiro fêz Deus o homem,
E a mulher em seguimento:
Primeiro se faz a tôrre,
E depois, o catavento.

847

Homem é bicho ruím
Desde o tempo de pagão:
Marimbondo pequenino
Já mostra que tem ferrão.

848

Pôde Deus fazer o mundo
Tudo a tempo e acertado...
Se tivesse mulher junto
Tudo estava atrapalhado.

849

Você me diz que eu sou fraco
Por não passar sem mulher:
Deus, que é Deus, não resistiu,
E a Virgem veio escolher...

850

Carinho feito a mulher
Deve ser bem regulado:
De mais o vinho tonteia,
E bota a perder, o agrado.

851

Sou bonita, sou formosa,
Isto é de geração;
Correm as mulheres dos homens
Que são de má condição.

852

Eu quero bem às mulheres
Porque delas sou nascido,
Pois não quero que se diga
Que sou mal agradecido.

853

Mulher só sabe o que vale
Depois que não vale nada
Quando o corpo já murchou
E a alma 'stá desenganada.

854

Pode o homem fazer tudo,
Tôda a terra remexer:
A mulher curva a cabeça
Só amar é o seu dever.

855

Mulher que confia em homem
Quer mesmo ser enganada;
Homem jura, por jurar,
Tudo é conversa fiada.

856

Quem quiser prender a homem
Não precisa o amarrar
É só olhar para êle,
Fazer pouco e desprezar.

857

Com mulher não se discute,
Não sabem o que é razão,
Dão por paus e dão por pedras,
Vêem só sua paixão,

858

A mulher ama a franqueza,
E o homem, a falsidade;
A mulher quer a firmeza,
E o homem, a variedade.

859

Não há quem possa entender
Os caprichos da mulher:
Não diz nada, se não gosta,
Diz sempre não, quando quer.

860

Mangericão verde cheira,
Êle sêco cheira mais.
Mulher que se fia em homem
Vive sempre dando ais.

861

Nas mulheres achei sempre
Enorme contradição:
Quanto mais elas nos amam,
Mais sofrimentos nos dão.

862

Ama ao pai, e ama ao filho,
E, entre os dois, ao seu amor:
Mulher há de amar um homem
Seja lá êle qual fôr.

863

Se me casar, ponho em casa
Tranqueira e chave de broca...
Com mulher não há fiança,
Cobra se faz da minhoca.

864

Tudo tem a sua sorte,
Seu destino todos teem:
Mulher veio neste mundo
Sómente p'ra querer bem.

865

Mulher não é pela cara
Que se escolhe, é pela raça:
Cachorro sôlto da rua
Nunca chega a cão de caça.

866

Eu não me fio em mulher,
Nem quando ela está dormindo
Os olhos estão fechados
Sobrancelha está bulindo...

867

Quando a mulher quer negar,
Que ofendeu o seu amor,
Ajunta dedo com dedo,
Jura por Deus Nos'Senhor.

868

A mulher, por natureza,
Não pode ter fé segura:
Quanto mais fala, mais mente,
Quanto mais mente, mais jura.

869

Quem padecer a traição
Não se arrelie, nem se zangue:
Ingratidão de mulher
Está na massa do sangue.

870

Mulher que quis bem a homem,
Se o bem foi mesmo querido,
Pode o querer ir-se embora,
Que fica o bem no sentido.

871

A mulher se espirrasse,
Tôda vez que nos ilude,
Vivia o mundo ocupado
Só em dizer : — Deus te ajude !

872

Eu vou dar a despedida
Como deu o bacurau...
Desconfia de mulher,
Que mulher é bicho mau.

873

Cada qual tem nesta vida
Preferência a seu agrado :
A mulher gosta do forte,
O homem do delicado.

874

Antes, — um pede e espera ;
Depois, — o outro já deu...
Forte é quem tem p'ra negar,
E fraco é quem já cedeu...

875

Antes, — suspiros e ais,
Homem é cheio de lambanças.
Depois, — nem se lembra mais
De promessas e esperanças...

876

Antes, — combate consigo,
Mulher custa a resolver,
Depois, — nem mais o Inimigo,
É ali firme, até morrer.

877

Alfinetes são ciúmes,
Agulhas variedade,
A mulher é que nem cobra
Bicho de tôda maldade.

878

Sol e chuva, chuva e sol
E sempre o que não se quer...
Não há que fiar no tempo
Parece até que é mulher.

879

A sorte, nós bem sabemos,
É tal qual uma mulher,
Que quer, quando não queremos,
Quando queremos, não quer.

880

Chove chuva miudinha
Na copa do meu chapéu...
Padre nosso de mulher
Não leva homem no céu!

881

A mulher quando se ajunta
A falar na vida alheia,
Começa na lua nova,
Acaba na lua cheia!

882

Eu tenho minha viola
Feita de pau de colher.
Quem quiser ver mexerico
É na bôca de mulher.

883

Duas cousas neste mundo
Não se deixam passear:
A galinha o bicho come,
A mulher dá que falar.

884

Rapadura vem da cana
E o azeite da mamona...
Arrenego nesta vida
De tôda mulher mandona.

885

Quando vires mulher magra,
Não tens mais que perguntar:
Se é casada, é ciumenta,
Se é solteira, quer casar.

886

Quem ama homem casado
Tem paciência de Job:
Faz cama, desmancha cama,
Sempre vem a dormir só.

887

Três cousas velhas são boas
Pote, sapato e café;
Três, eu gosto bem fresquinhas,
Água, passoca e mulher.

888

Lá vai a gárça avoando
Co' uma corrente no pé.
Péste seja todo homem,
Que não gostar de mulher.

889

Já sou velho, tive gôsto,
Morro quando Deus quiser...
Duas cousas me acompanham:
Cavalo bom e mulher.

890

Há de tudo bom e mau,
A sorte é que assim o quer,
A mulher provêm do homem,
Nasce o homem da mulher.

XXIV

TRISTEZAS E MÁGOAS

891

A lua saíu bem clara
Entre nuvens se escondeu,
Não pode encontrar ventura
Quem sem ventura nasceu.

892

Eu não sou filho daqui,
Sou filho, sim, lá de fora,
Ando cumprindo o meu fado
Acabando, vou-me embora.

893

Sopra o vento nos gerais
E apaga a luz da candeia.
Triste cousa neste mundo
É viver em terra alheia.

894

A rolinha de cansada
Bateu o papo na areia,
E batendo foi dizendo:
Triste cousa é terra alheia...

895

Triste vida é de quem anda
Fora do seu «natural» [1],
Se um dia passa bem,
Três e quatro passa mal...

896

Triste vida de quem vive,
Rolando cantos alheios,
Come e dorme aos bocadinhos
Bebe e ama com receios.

---

[1] Terra natal: naturalidade.

897

Você me diz: vamos, vamos...
Para onde havemos de ir?
Quem nasceu para a desgraça
Não tem para onde fugir.

898

Por muito que o infeliz
Contra os males se previna,
Há de passar por aqueles
Que lhe marcou sua sina...

899

Meu destino não se muda,
Minha desgraça é constante,
Eu choro todos os dias,
E suspiro a todo instante.

900

Quando vejo o caranguejo
Caminhando em santa paz,
Julgo ver minha ventura
Que só anda para trás.

901

Queria subir ao céu,
Ter com Deus um argumento,
Preguntar-lhe para quê
Deu aos pobres sentimento.

902

Beijo a mão que me condena,
Respeito o poder do fado,
Obedeço a meu destino
De ser sempre desgraçado.

903

Uma dor de coração
É ver e não alcançar,
Mas é tristeza maior
Possuir e não gozar.

904

Naquela serra mais alta
Vou os meus prantos chorar,
Talvez naquelas alturas
Me possa Deus escutar.

905

Se eu soubesse que na guerra
Das desditas me livrava,
Eu iria ver se a morte
Meus pesares acabava.

906

Para conter os meus males,
Meu natural me contêm,
As sepulturas têm flores,
A minha vida não tem.

907

Corre o rio entre as pedrinhas
Saltitando de alegria,
Também corro, mas sou triste,
Sem sossêgo, noite e dia.

908

Quando me fôr desta terra,
Vou pelos ares voando,
Para que os matos não digam
Que já me viram chorando.

909

Até no pranto sou pobre
Porque não posso chorar.
Mas eu sei porque me falta...
É p'ra não me aliviar!

910

O meu parecer alegre
É um dom da natureza;
Eu rio p'ra não chorar,
P'ra consolar a tristeza.

911

Há uma espécie de plantas
Que vingam sem ter raízes,
Assim são certos sorrisos
Nos lábios dos infelizes.

912

Eu comparo a minha vida
Com a vida do passarinho,
Todo cheiínho de penas
Sempre alegre, coitadinho.

913

Lá vai a garça voando
Co'as penas que Deus lhe deu,
Contando pena por pena
Mais penas padeço eu.

914

Já tive dias felizes,
Zombando da sorte austera,
Perdi mimos que gozei,
Já não sou quem dantes era.

915

Meu coração, batei caixas,
Meus sentidos, manobrai,
Meus olhos, deitai bandeira:
Vinde lágrimas, marchai!

916

Quem me vir andar chorando
Não se ria, tenha dó,
Que o trabalho dêste mundo
Não se fêz para mim só.

917

A um sucede outro dia,
A uma outra estação.
Só para mim não se muda
Minha triste condição.

918

Não quero mais fazer roça
Que a sorte vem contra mim:
Planto cana, nasce alpista,
Planto arroz, nasce capim.

919

Como o prado, com as flores
Comparo a minha ventura:
O prado, porque floresce,
A flor, porque pouco dura.

920

Alma no corpo não tenho,
Minha existência é fingida;
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.

921

No livro dos infelizes
O meu nome escrito achei,
Como nasci sem ventura,
Sem ventura acabarei.

922

Dizem que almas não morrem
São imortais, não teem fim...
A minha faz excepção,
'Stá morta dentro de mim.

923

Oh morte, porque não vens
Findar meus dias fatais?
Vivendo, eu ando penando,
Morrendo, não peno mais.

924

Sou dos que não querem vida
Sou dos mais desesperados,
Valei-me, instantes da morte,
Instantes afortunados!

925

Se eu morrer sem me salvar
Todos chorem minha sorte:
Infeliz durante a vida,
Infeliz durante a morte.

926

Mente quem diz nesta vida...
Muitos males tem sofrido...
Só d'um mal a gente sofre,
É do mal de ter nascido.

XXV

PARTIDA

927

Quem inventou a partida
Não sabia o que era amor:
Quem parte, parte sem vida
Quem fica, morre de dor.

928

Bemzinho, quando te fôres,
Primeiro tira-me a vida,
Que eu não tenho coração
De ver a tua partida.

929

Bemzinho, quando te fôres,
Vem cá me dizer adeus:
Quero mandar os meus olhos
Em companhia dos teus.

930

Se com lágrimas pudesse
A tua ausência impedir,
Estava sempre a chorar
Para não te ver partir.

931

Quando me fôr desta terra
Três cousas quero pedir:
A maior é o mal de amores
P'ra quando tornar a vir.

932

No dia em que eu nasci,
Nasceu um pé de oiticica,
Eu cresci, e ela cresceu,
Eu irei, e ela fica.

933

Queria achar quem dissesse
Onde o pesar mais aumenta :
Se no peito de quem fica,
Se n'alma de quem se ausenta.

934

Tu partes cruel e eu fico
Curtindo a dor de perder-te,
Sabendo que a minha vida
Dependia só de ver-te.

935

Vou-me embora de manhã
Por êste caminho afora,
Minha falta ninguêm sente,
Minha ausência ninguêm chora.

936

Minha jangada de vela
Que vento queres levar ?
De dia, vento de terra...
De noite, vento do mar...

937

Menina, quando te fôres
Me escreve lá do caminho;
Se não tiveres papel,
Nas àsas de um passarinho...

938

Da bôca faz o tinteiro,
Da língua pena aparada,
Dos dentes letra miúda,
Dos olhos carta fechada.

939

Dos cachos dos teus cabelos
Fiz anel para meu dedo.
P'ra te deixar tenho pena,
P'ra te levar tenho mêdo.

940

Amanhã me vou embora,
Amanhã muito cedinho,
Eu faço que vou me embora,
Vou te esperar no caminho.

941

Adeus, cabelinhos pretos,
Adeus, bôca de rubim,
Adeus, olhos matadores,
Adeus, cheiro de alecrim.

942

Agora eu me vou embora
Para a semana que vem,
Quem não me conhece chora
Que dirá quem me quer bem.

943

Adeus, que eu me vou embora
Adeus, que me quero ir;
Menina, nesses teus braços
Eu me quero despedir.

944

Vou-me embora morrer longe,
Sem uma consolação.
Novas de mim não procures,
Culpa êsse teu coração.

945

Adeus, adeus, vou-me embora,
Degredos levo na mão,
Se por mim se formam guerras,
Já me vou... descansarão!

946

Quem parte, parte chorando,
Quem fica, vida não tem,
Não tem alma, não tem vida
Quem se aparta de seu bem.

947

Quero dar a despedida
Como deu a patativa,
Adeus, coração de prata!
Perdição da minha vida!

948

Quando nós nos separámos
No rīacho da Agonia,
Tanto corriam as águas
Como o meu pranto corria...

949

Esta noite à meia-noite,
Meia-noite já seria,
Vi cantar e vi chorar,
Como quem se despedia.

950

Esta noite, à meia-noite,
Ouvi cantar, e vi chorar,
Eram dois amantes firmes,
Com pena de se apartar.

951

Vou-me embora, vou-me embora
Que me dão para levar?
Levo penas e saudades
E lágrimas para chorar...

952

Adeus fontes, adeus rios,
Adeus pedras de lavar,
Olhos que me vêem ir
Quando me verão voltar?

XXVI

SAUDADE

953

Morre um afecto, outro nasce,
Passa um desejo, outro vem,
Depois de um sonho, outro sonho,
De tantos que a vida tem.

954

O tempo que tudo muda,
Só não muda a minha dor;
Não me volta a mocidade
Nem o meu primeiro amor.

955

Duas saudades no mundo
Esqueça lá quem puder...
Primeiro amor de menino,
Último amor de mulher.

956

A saudade e o desejo
Deram um casal desgraçado
Êle inda quer no futuro,
Ela só quer no passado.

957

Quando vejo o encarnado
Me lembra meu regimento,
Minha espada, minha lança,
Meu soldo, meu fardamento.

958

Esta tapera foi casa,
Êste terreno cidade.
Como não queres que eu chore,
Que eu daqui tenha saudade!

959

Em despedir-me de ti
Sinto uma grande aflição!
Adeus, meu querido amor,
Prenda do meu coração!

960

Lá se vai estrada afora
O dono do meu carinho;
De saudades já não posso
Apertar o meu corpinho.

961

Dentro do meu peito tinha
Duas pombas se criando,
Uma voou, foi-se embora,
Outra ficou me matando.

962

Há três dias que não janto,
Há quatro que não almoço;
À falta dos teus carinhos
Quero comer e não posso.

963

Distante de um bem que adoro
Prazer minh'alma não tem.
Reflicto a cada momento:
Muito sofre quem quer bem.

964

Amor de perto querido,
De longe mais estimado,
De perto me causa pena,
De longe, pena e cuidado.

965

Saudade consumidora
Eterna sócia do amor,
Serás minha companheira
Irás comigo onde eu fôr.

966

Quem quiser comprar saudade
Eu tenho semente e dou:
Um canteiro tenho cheio
Que aquele ingrato deixou.

967

Quem me dera estar agora
Onde está meu coração!
Lá no campo da saudade,
Onde os meus suspiros vão.

968

Cada vez que boto a vista
Para a banda onde morais,
Uma cousa me amofina:
Saudades cada vez mais.

969

Quando me aperta a saudade
Eu chego à janela e digo:
Alto céu, serenas nuvens,
Quem me dera estar contigo!

970

Aquelas tardes alegres,
Aquelas noites serenas
Que eu te tinha nos meus braços...
Hoje me servem de penas.

971

Sexta feira fèz um ano
Que meu peito se fechou:
Quem morava dentro dêle
Tirou a chave e levou.

972

Se você não me queria
Para que me acarinhou,
E, depois de acostumada,
Nesta ausência me deixou?

973

Quando eu vim de minha terra
Muita moça me chorou;
Eu tambèm chorei um pouco
Por uma que lá ficou.

974

Fui no jardim passear
Disfarçar a minha dor:
Via sempre o teu retrato,
Quando encontrava uma flor.

975

Você diz que amor não dói,
Dói dentro do coração:
Queira bem e viva ausente
Veja lá se dói, ou não.

976

A chuva está no céu
Com vontade de chover,
Como não estará meu bem
Com vontade de me ver?!

977

Suspirando passo a noite,
Lamentando passo o dia,
Ausente de ti, meu bem,
Não posso ter alegria.

978

Aceita minha saudade
Já que lá não posso ir.
Quando estou de ti ausente
Não posso brincar nem rir.

979

Se os meus suspiros pudessem
Aos teus ouvidos chegar,
Verias o quanto custa
Esta ausência suportar.

980

Ausente de ti, distante,
Não posso a vida sofrer,
Sentindo tantas saudades,
Como é possível viver?

981

Os meus amores perdidos,
Que em minh'alma se criaram,
Fazem hoje meu martírio
Nas lembranças que deixaram.

982

Já não há papel, nem tinta,
Nem pena em tôda a cidade,
Com que te escreva, meu bem,
Tão rigorosa saudade.

983

Por ti vivo, por ti morro
Por ti levo a suspirar;
O meu coração não pode
Tua ausência suportar.

984

O ferro, mais a ferrugem,
E o tempo, tudo consome...
Só não posso consumir
A lembrança do teu nome.

985

Saudades que por ti passo,
Não posso mandar dizer;
Algum dia hei de contar-te,
Se um dia puder te ver.

986

Antes eu nunca te visse
Nem te tomasse amizade...
Para agora me deixares
No rigor desta saudade.

987

Suspirar é meu sustento,
Quando estou de ti ausente,
Nada me alegra o sentido,
Só contigo estou contente.

988

Lá se vai meu coração,
Amarrado com uma fita;
Já que lá não posso ir;
Aceita a minha visita.

989

Vai-te carta venturosa,
Vai ver a quem quero bem;
Dize-lhe que eu fico a chorar,
Por não poder ir também.

990

Vai-se a tarde, vem o dia
Eu só de ti me lembrando,
Faço a cama de suspiros,
Quando me deito é chorando.

991

Passo as noites sem dormir,
Passo os dias a gemer,
Curtindo tantas saudades
Como é possível viver?

992

Põe-se o sol e põe-sè a lua,
Põem-se as estrêlas também,
Só eu não posso me pôr
Aos pés de quem quero bem.

993

Saudades que te persigam,
Como me têm perseguido!
Por ti só falta morrer
Ou perder os meus sentidos..

994

A saudade é matadora,
Minha vida quer tentar;
Choro, suspiro e padeço,
Já não posso mais penar.

995

As fôlhas do mato virgem
Dá-lhes o vento, tôdas bolem...
Meu bemzinho não te aflijas,
De saudades ninguêm morre.

996

Se as saudades matassem
Eu havia de morrer,
Só não morro porque tenho
Esperanças de te ver.

997

Se os meus suspiros pudessem
A teus ouvidos chegar,
Verias que uma saudade
É bem capaz de matar.

998

Tristes ais, negras saudades
Não me mates de repente,
Que para matar não basta
Querer bem, viver ausente...

999

A saudade me constrange
E me mata sem querer;
Êsse teu peito, menina,
O meu túmulo há de ser.

1000

A gente só quando morre
É na terra consumida:
A saudade é sofrimento
Que consome mesmo em vida.

ÍNDICE

	Págs.
Prefácio	VII
I — Cantos e descantes	31
II — Chiste e graça	43
III — Esperteza e bom senso	59
IV — Esperanças e desejos	67
V — Mal de amor	77
VI — Dúvidas de amor	87
VII — Declarações	97
VIII — Céus e terra	109
IX — Flores e frutos	117
X — Aves e bichos	131
XI — Meninas e moças	139
XII — Olhos e olhares	153
XIII — Beijos e abraços	169
XIV — Corpo e jeito	175
XV — Coração	185
XVI — Casamento	197
XVII — Amor feliz	207
XVIII — Firmeza	217
XIX — Ciúmes	229
XX — Inconstância	237
XXI — Ingratidão, desenganos	243

Págs.
XXII — Amor infeliz 255
XXIII — Homens e mulheres..... 271
XXIV — Tristezas e mágoas 283
XXV — Partida..... 293
XXVI — Saudade 301

EDIÇÕES

DA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

A ESFINJE, por *Afranio Peixoto* (da Academia Brazileira). 1 vol. in-16 fr. de 477 pags. nitidamente impresso, 2.ª edição, br. . . . . 3$000

CONFERENCIAS LITERARIAS, por *Olavo Bilac.* 1 vol. com 383 pags., contendo as seguintes conferencia pronunciadas pelo insigne poeta: *Gonçalves Dias, A Tristeza dos Poetas Brazileiros, O Rizo, A Esperança, O Diabo, Dom Quixote, A Beleza e a Graça, O Dinheiro, O Comercio e a Civilização, O Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Instrução e Patriotismo, Quatro Heroinas de Shakespeare,* br. 3$000

O IMPERADOR NO EXILIO, pelo *Conde de Affonso Celso* (da Academia Brazileira de Letras), nova edição, muito aumentada e ilustrada. 1 vol. com capa ilustrada. . . . . 3$000

POESIAS (3.ª serie), por *Alberto de Oliveira,* contendo: *Sol de verão, Céo noturno, Alma das cousas, Sala de baile, Rimas varias, No seio do Cosmos.* 1 vol. br. . . . . 4$000

O ATHENEU. Celebre romance de *Raul Pompeia,* 3.ª edição ilustrada segundo os dezenhos do autor. 1 belo vol. impresso em Paris, br. . . 2$000

PAIXAO DE MARIA DO CÉO, romance, por *Carlos Malheiro Dias.* 1 vol. in-16 de 385 pags., br. 3$000

OS SERTÕES (Campanha de Canudos), por *Euclydes da Cunha,* 4.ª edição. 1 vol. in-8, enc. perc. . . . . 8$000

ELLES E ELLAS, por *D. Julia Lopes de Almeida,* notavel livro da grande escriptora. 1 belo volume de 264 pags. br. . . . . 3$000

391939

LPor.C
P3797t

Peixoto, Afrânio(comp.)
Trovas populares brasileiras.

NAME OF BORROWER.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED